



MICHEL FOUCAULT – 80 ANOS

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 04 | Alfredo José Veiga-Neto: Compreensão e rebeldia sobre nós mesmos

PÁGINA 09 | Diogo Sardinha: Uma filosofia da emancipação

PÁGINA 14 | Jorge Dávila: “Nosso castigo simbólico mais eficaz é nossa própria mudez diante da imagem”

PÁGINA 20 | Judith Revel: “Uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria”

PÁGINA 28 | Roberto Machado: Nietzsche, Foucault e a loucura como experiência originária

PÁGINA 32 | Silvio Gallo: As contribuições de Foucault à educação

PÁGINA 36 | Alexandre Filordi de Carvalho: Foucault e a questão da crítica em torno da biopolítica

B. Destaques da semana

PÁGINA 43 | » TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 44 | » FILMES DA SEMANA

PÁGINA 48 | » DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 50 | » DEU NOS JORNAIS

PÁGINA 51 | » FRASES DA SEMANA

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 54 | Fernando Haas: Movimento, uma mera ilusão de sentidos?

PÁGINA 57 | Débora Leitão: Uma moda com cara de Brasil

PÁGINA 61 | Marcel Bursztyn: Desenvolvimento sustentável, fundamentação teórico-prática

PÁGINA 65 | IHU Repórter

Editorial

Discutir a importância do legado do filósofo francês Michel Foucault, que em 15 de outubro de 2006 completaria 80 anos de vida. Essa é a proposta da presente edição da *IHU On-Line*, que já na edição 119, de 18-10-2004, refletiu a respeito desse pensador, por ocasião dos 20 anos do seu falecimento.

Colaborando nesse debate, inúmeros pesquisadores foram entrevistados pela *IHU On-Line*, repensando a atualidade e as interfaces do pensamento de Foucault com outras áreas do conhecimento.

São eles: Alfredo Veiga-Nego (UFRGS-ULBRA), Diogo Sardinha (Universidade de Paris I), Jorge Dávila (Universidade dos Andes) e Judith Revel (Università di Roma-La Sapienza). Outras entrevistas exclusivas para esta *IHU On-Line* são as de Sílvio Gallo (Unicamp) e Roberto Machado. Publicamos também um artigo de Alexandre Filordi (USP).

Para Veiga-Neto, "Foucault queria que seus livros funcionassem como bisturis ou coquetéis molotov... Assim, mais do que inspirar, o filósofo nos dá ferramentas para compreendermos o nosso presente e aquilo que somos ou aquilo que estamos nós ou estão os outros fazendo conosco e, se for o caso, nos rebelarmos contra isso".

Na editoria *Terra habitável*, sintetizamos as informações, os artigos e as entrevistas publicadas na última semana, nas *Notícias Diárias* da página www.unisinos.br/ihu, como a repercussão do relatório do governo britânico sobre o impacto econômico do aquecimento global, tema do filme *Uma verdade inconveniente*, e a "pegada ecológica" dos seres humanos, segundo o informe da WWF.

A entrevista com Marcel Bursztyn sobre o desenvolvimento sustentável, tema do **Ciclo de Palestras Alternativas para uma outra economia** desta quarta-feira, complementa esta editoria.

Outras entrevistas, como a do físico Fernando Haas e da antropóloga Débora Krischke Leitão, completam esta edição.

A todas e todos uma ótima leitura

e uma excelente semana!





INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Compreensão e rebeldia sobre nós mesmos

ENTREVISTA COM ALFREDO JOSÉ DA VEIGA-NETO

Além de contribuições à Filosofia e às Ciências Humanas, como a Psiquiatria e a Literatura, as idéias de Michel Foucault permanecem vivas e ajudam a compreender “o papel disciplinar que a escola moderna desempenhou na constituição do sujeito, da sociedade e do Estado modernos”, disse o professor Alfredo José da Veiga-Neto, do PPG Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Em seu ponto de vista, “Foucault queria que seus livros funcionassem como bisturis ou coquetéis molotov... Assim, mais do que inspirar, o filósofo nos dá ferramentas para compreendermos o nosso presente e aquilo que somos ou aquilo que estamos nós ou estão os outros fazendo conosco e, se for o caso, nos rebelarmos contra isso”.

Veiga-Neto é graduado em Música e História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). cursou mestrado em Genética e Biologia Molecular e doutorado em Educação pela mesma instituição, com a tese A ordem das disciplinas. Atualmente, Veiga-Neto pesquisa os dispositivos disciplinares e a educação, analisando e problematizando as práticas pedagógicas (discursivas e não-discursivas) que têm se articulado para estabelecer a disciplinaridade tanto como um “problema” epistemológico, quanto como um “problema” comportamental pedagógico a serem equacionados e resolvidos. Desde 1996, na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação, no PPG Educação da UFRGS, no qual é professor convidado, coordena o Projeto de Pesquisa Dispositivos Disciplinares e Educação. É professor titular do departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. De sua produção intelectual, destacamos as seguintes obras, por ele organizadas: Crítica pos-estructuralista y educación. Barcelona: Laertes, 1997 e Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 e Foucault & a educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, de sua autoria.



IHU On-Line - Qual é a maior contribuição de Foucault à educação? Como se apresenta a atualidade de seu pensamento nesse aspecto?

Alfredo Veiga-Neto - O pensamento de Foucault parece continuar sempre vivo, seja para a filosofia e para as ciências humanas, seja para a psiquiatria e para a literatura. Na educação, isso é ainda mais interessante, na medida em que ele contribuiu muito para que compreendêssemos o papel disciplinar que a escola moderna desempenhou na constituição do sujeito, da sociedade e do Estado modernos.

IHU On-Line - O que as universidades e as escolas poderiam aprender com suas idéias?

Alfredo Veiga-Neto - Penso que, nesse âmbito, pode-se agrupar as contribuições de Foucault em três eixos. Num deles, estão os seus estudos acerca do poder disciplinar, aí incluídos os dispositivos de vigilância e controle em funcionamento na escola moderna; isso vale tanto para a educação de crianças pequenas quanto para a educação de jovens e adultos, tanto para a educação Infantil quanto para o ensino universitário. No outro eixo, estão as contribuições de Foucault no campo que se costuma denominar Razão Política. As suas formulações sobre o biopoder e a biopolítica têm sido da maior importância para compreendermos os processos pelos quais se estabeleceram —e se mantêm— o Estado moderno, o liberalismo, a lógica capitalista. Tudo isso adquire hoje ainda mais importância, quando a ênfase na disciplina está se deslocando para a ênfase no controle e quando o modelo imperialista de dominação e exploração está dando lugar a esse novo modelo que Antonio Negri¹ e Michael Hardt² denominam modelo imperial.

¹ Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 1954, entrou no PSIUP de Pádua (partido que posteriormente se integraria ao Partido Socialista), que possuía a maioria do movimento operário, em virtude da grande concentração industrial da região. Em 2000, publicou o livro-

E, no terceiro eixo, coloco as contribuições de Foucault no campo da constituição do sujeito moderno através das práticas de si mesmo, isso é — e para usar a própria expressão do filósofo—, como um sujeito da ética. Vêm sendo muito numerosas e interessantes as investigações que têm descrito e mostrado práticas escolares —seja na educação infantil, seja no ensino universitário— que operam no sentido de nos constituírem como sujeitos cujas identidades são cada vez mais descentradas, instáveis, mutantes. Aqui, lembro Raul Seixas; com suas antenas sensíveis, o artista criou, há mais de duas décadas, a excelente expressão “metamorfoses ambulantes”.

IHU On-Line - Como a perspectiva arqueo-genealógica de Foucault pode nos auxiliar a repensar e entender a educação brasileira?

Alfredo Veiga-Neto - Essa pergunta está respondida na questão anterior. Nesses aspectos importantes e fundamentais da educação contemporânea, o que se passa na educação brasileira difere praticamente nada do que se passa na Índia, na França, no Congo ou na

manifesto *Império*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, com Michael Hardt que foi apresentado no primeiro *Abrindo o Livro*, em 2003, promovido pelo IHU. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou recentemente *Multidão. Guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005, com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da *IHU On-Line*, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Em 2003, esteve na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. Um grupo de estudos do IHU se reúne habitualmente para ler e discutir o livro. (Nota da *IHU On-Line*)

² Michael Hardt (1960): teórico literário americano e filósofo político radicado na Universidade de Duke. Com Antonio Negri escreveu os livros internacionalmente famosos *Império e Multidão. Guerra e democracia na era do império*. (Nota da *IHU On-Line*)

Colômbia. Aqui, recorro ao insuperável Jorge Larrosa¹, filósofo e professor da Universidade de Barcelona: só existe educação comparada se pensarmos naquilo que se pode chamar de razão técnica dos sistemas educativos, isto é, nos seus aspectos mais formais, administrativos, legislativos; se pensarmos com Foucault, veremos que, ao fim e ao cabo, a sala de aula, as práticas escolares, os rituais pedagógicos etc., são altamente inerciais, mudam muitíssimo pouco, no tempo e de lugar para lugar...

IHU On-Line - Acredita que as idéias de Foucault podem inspirar a existência e resistência da alteridade em nossa sociedade? Por quê?

Alfredo Veiga-Neto - Nesse aspecto, como em vários outros, Foucault é um herdeiro direto de Nietzsche². Lembro aqui as famosas perguntas nietzscheanas: “que estamos fazendo de nós mesmos?”, “que estão os outros fazendo de nós?”. Numa conferência na Universidade de Vermont, em 1982, Foucault disse textualmente: “Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos”. Uma outra frase sua é: “Escrever não me interessa senão na medida em que o escrever se incorpora à realidade de um combate, como um instrumento, de tática, de esclarecimento.” Foucault

¹ Jorge Larrosa: filósofo espanhol, autor de, entre outros, *Pedagogia profana*. Belo Horizonte: 4. ed., Autêntica, 2003 e *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

² Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

queria que seus livros funcionassem como bisturis ou coquetéis molotov... Assim, mais do que inspirar, o filósofo nos dá ferramentas para compreendermos o nosso presente e aquilo que somos ou aquilo que estamos nós, ou estão os outros fazendo conosco e, se for o caso, nos rebelarmos contra isso.

IHU On-Line - Quais foram as conclusões a que chegou com a análise e problematização das práticas pedagógicas (disciplinares e não-disciplinares), articuladas para estabelecer a disciplina como problema epistemológico e comportamental?

Alfredo Veiga-Neto - O pensamento e as descobertas de Foucault me foram muito úteis para compreender a disciplina como a matriz de fundo sobre a qual poderosamente se articulam disposições cognitivas (saberes) e disposições corporais (práticas) de modo a constituir um sujeito dócil (aos outros e a si mesmo), disciplinar, autogovernado. Nas minhas investigações, identifiquei o currículo como o mais eficiente dispositivo capaz de instituir, na Modernidade, a sociedade disciplinar. Com isso, mostrei o caráter não-natural desse artefato escolar inventado nas escolas européias, na virada do século XVI para o século XVII. A estrutura disciplinar do currículo não é um atributo epistemológico *per se*, mas é a forma (arbitrária) que se mostrou mais produtiva para o controle social, num mundo que se expandia geograficamente, se tornava muito complexo (política e socialmente) e se diversificava notavelmente (religiosamente).

IHU On-Line - Como os conceitos de disciplina e exclusão se manifestam nos livros didáticos de ciências no 1º grau, em especial nos conceitos "conhecimento", "ciência" e "natureza"?

Alfredo Veiga-Neto - Essa pergunta é por demais ampla e difícil; em apenas uma frase estão combinadas categorias e estão referidos conceitos importantes e

atuais. Uma resposta minimamente interessante envolveria um desenvolvimento que não cabe muito aqui. Além disso – e talvez o mais importante –, acho que ainda pouco se conhece sobre as relações entre tais questões. Desse modo, prefiro não entrar aqui nesse assunto. Mas agradeço por ela ter sido formulada: deram-me uma idéia para uma frente de investigação.

IHU On-Line - Foucaultianamente, quais seriam os principais dispositivos disciplinares da educação dentro e fora da escola?

Alfredo Veiga-Neto - De um lado, está o próprio currículo. Aqui, um alerta: mesmo que se mudem algumas palavras ou a própria organização dos saberes – ou seja, em vez de falarmos em grade curricular, falemos em programa de aprendizagem; ou, em vez de adotarmos a estrutura disciplinar convencional (História, Física, Biologia etc.) adotemos temas transversais –, o fato é que dificilmente está se escapando da lógica disciplinar do currículo.

De outro lado, há também todo um conjunto de práticas pedagógicas disciplinares em ação, dentro e fora da escola. Algumas são mais visíveis, imediatas e, eventualmente, até mesmo violentas. Temos um bom exemplo naquilo que alguns chamam de “livros de ocorrência”; uma pesquisadora que foi minha orientanda de doutorado (na UFRGS) descreveu e problematizou minuciosamente esses registros quase-policiais, de como funcionam e o que produzem no ambiente escolar e nas crianças que estão ao seu alcance. Outras práticas são mais sutis; mas, nem por isso, menos disciplinares. Um exemplo: as alianças que são estimuladas e se estabelecem entre as famílias e a escola (um assunto também estudado por uma minha orientanda de mestrado, na UFRGS). Um outro exemplo: os usos e controles dos tempos e dos espaços escolares pelas crianças (uma questão que está sendo investigada por uma de minhas orientandas de mestrado, na ULBRA). Ao enumerar esses exemplos, corro o risco de estar

simplificando; além disso, deixo de referir trabalhos muito importantes que estão em andamento ou já foram realizados por pessoas ligadas ao grupo que coordeno, ligado à ULBRA e à UFRGS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Pós-Modernidade – GEPCPós).

IHU On-Line - De que forma a palavra proibida e a vontade de verdade, dois dos três grandes sistemas de exclusão que Foucault afirma atingirem o discurso, se manifestam no sistema educacional?

Alfredo Veiga-Neto - De modo bem resumido, pode-se dizer que aquilo que Foucault tematizou acerca da ordem do discurso vale para o que acontece tanto na escola quanto fora dela. É claro que cada instituição tem as suas peculiaridades no que concerne ao ordenamento das incitações, interdições, silenciamentos e ênfases do que pode ou não pode ser dito e do que é, efetivamente, dito. E cada uma – escola, aparelhos estatais, igrejas, ONGs, parlamentos etc. – tem seus próprios regimes e suas próprias políticas de verdade. No caso da escola, em especial, estão em jogo eficientes elementos que imprimem uma “ordem muito ordenada” aos discursos; talvez o principal deles seja justamente o poder disciplinar, sempre classificando e hierarquizando e sempre atrelado a determinados saberes. No caso da Universidade, isso é ainda mais interessante, pois é nessa instituição que se dá não apenas a (digamos...) disseminação dos saberes, mas também a produção de boa parte de tais saberes. Justamente por isso, penso que a Universidade constitui-se um ambiente muito propício para estudos bastante “concretos” sobre a ordem do discurso.

IHU On-Line - “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. Qual é a atualidade dessa afirmação no século XXI e numa sociedade na

qual o acesso à informação vem se expandindo gradativamente?

Alfredo Veiga-Neto - Aqui é preciso distinguir entre o que hoje se costuma chamar de “acesso à informação” e aquilo que, numa perspectiva foucaultiana se entende por “saberes”. É fácil perceber que simplesmente constatar que se tem cada vez mais acesso à informação nada diz sobre a qualidade e a significação de tais informações para a vida. Se é importante não confundir conhecimento com saber, é ainda mais importante não confundir informação com saber. Essa expressão hoje tão em voga – “sociedade do conhecimento” – acaba sustentando o mito de que as condições de acesso, uso e produção do conhecimento estariam homogeneamente distribuídas. Mesmo fora do registro foucaultiano, autores como Néstor Canclini¹ e Richard Sennett² - para citar apenas dois, bastante lidos e conhecidos entre nós – já mostraram as falácias desses otimismo em relação à expansão da informação, à (assim chamada...) “sociedade do conhecimento”, à (assim considerada...) democratização da informação.

Os *insights* foucaultianos acerca da ordem do discurso, bem como as ferramentas conceituais que ele desenvolveu no campo da Razão Política – como governamentalidade e bipolaridade – certamente são úteis

¹ Nestor Canclini: sociólogo argentino, autor de, entre outros *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

² Richard Sennet: sociólogo americano, autor de, entre outros, *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; *A corrosão do caráter*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 e *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

para pensarmos tudo isso. Aqui, mais um exemplo: há menos de um mês uma orientanda de meu Grupo de Pesquisa defendeu uma tese de doutorado em que, valendo-se do pensamento de Foucault, ficaram bem claras as implicações da Educação a Distância e do uso da Internet com a produção e disseminação do conhecimento e, talvez mais interessante, com a produção de novas espacialidades e temporalidades pós-modernas. De tais novas espacialidades e temporalidades resultam novas formas de constituição dos sujeitos (subjativação) e estabelecem-se novas relações políticas

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Alfredo Veiga-Neto - Finalizando, quero apenas lembrar que não se deve tomar Michel Foucault como um guru, nem fazer de seu pensamento uma religião. Costumo dizer que podemos nos valer de seu pensamento naquilo que ele puder ser útil para compreendermos a história do presente. O que mais importa não é tanto saber o que ele pensou e disse sobre isso ou aquilo, mas o que podemos nós pensar, com base nele, sobre isso ou aquilo. Isso significa manter, com Foucault, uma atitude de fidelidade infiel, deixando-o de lado naquilo que ele não puder ajudar-nos para entendermos e mudarmos os constrangimentos que o mundo nos impõe ou que nós impomos a nós mesmos.

Uma filosofia da emancipação

ENTREVISTA COM DIOGO SARDINHA

Momentos antes de coordenar uma mesa temática sobre Filosofia Francesa Contemporânea no XII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), em Salvador, em 26-10-2006, o filósofo português Diogo Sardinha disse, com exclusividade à IHU On-Line, que “permanecer fiel a um texto de Foucault é, no fundo, permanecer fiel ao espírito de Foucault, que sempre o conduzia a reescrever os seus textos e a fazer, muitas vezes, coisas que ele tinha sugerido que não seriam interessantes de fazer”. Para Sardinha, “Foucault se reescreve permanentemente”. Sobre as contribuições desse pensador à educação, Sardinha revela que o que mais lhe chama a atenção nesse aspecto “não foi tanto como educar os outros, mas como trabalhar a sua própria educação, como trabalhar a si mesmo, com vista à emancipação. Em princípio, a educação serve para quê? Para tornar você adulto, tornar você maior, para dominar um conjunto de técnicas e conhecimentos que permitam a você escolher a si mesmo, viver por si mesmo”.



Sardinha está no Brasil cursando um pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com a Prof.^a Dr.^a Salma Tanus Muschail, iniciado na Universidade de Paris I, Sorbonne, na França. Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa, Portugal, Sardinha é doutor pela Universidade Paris X, Nanterre e palestrou no III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação: “Foucault, 80 anos”, ocorrido de 9 a 11-10-2006 no Rio de Janeiro. Atualmente, leciona Filosofia em Paris.

IHU On-Line - Por que razão Foucault deixou de referir-se a Artaud, figura essencial em seus textos dos anos de 1960 sobre a transgressão e a loucura?

Diogo Sardinha - Efetivamente isso foi uma questão que me preocupou, que me intrigou num certo momento, porque um conjunto de autores, entre eles Artaud¹, que

¹ Antonin Artaud (1896-1948): poeta, dramaturgo, diretor e ator francês, Artaud tem como proposta despertar as forças inconscientes do espectador, para libertá-lo do condicionamento imposto pela civilização. Não há separação rígida entre palco e platéia. Parte de sua teoria está exposta no livro *O Teatro e Seu Duplo* (1936). (Nota da IHU On-Line)

eram tão importantes para Foucault, e ajudavam tanto ele a pensar e teorizar certas questões na época, que era sobretudo o princípio dos anos 1960, eles desaparecem mais tarde. A conclusão a que cheguei é que as preocupações que Foucault vai ter mais tarde começam a ser trabalhadas pelos mesmos autores que o inspiraram anteriormente. O caso mais explícito, mais radical, digamos, o ponto mais oposto a esse, que era de grande inspiração literária, dessa “loucura solar”, é que tinha

Artaud muitas referências a Nietzsche, a Hölderlin¹. As preocupações dessa época vão perder espaço em favor de outros problemas e questões. E, para tratar essas outras questões, Foucault precisa tratar outros autores, não os autores que tinham permitido estudar e teorizar a morte do sujeito, mas precisamente autores que ajudam agora repensar uma nova figura do sujeito. Artaud é um pensador do excesso, é uma figura da loucura, uma figura da dor e do excesso, da morte, e mais tarde Foucault procura outros pontos de reflexão, que são de como o sujeito pode se constituir e se manter de uma forma equilibrada. Equilibrada não quer dizer normal. É para tratar essas outras questões que ele busca outros recursos.

IHU On-Line - Qual é a maior contribuição de Foucault no campo da educação hoje? Qual é a atualidade de seu pensamento nesse aspecto?

Diogo Sardinha - Aquilo que mais me interessou no aspecto da educação não foi tanto como educar os outros, mas como trabalhar a sua própria educação, como trabalhar a si mesmo, com vista à emancipação. Em princípio, a educação serve para quê? Para tornar você adulto, tornar você maior, para dominar um conjunto de técnicas e conhecimentos que permitam a você escolher a si mesmo, viver por si mesmo. Eu me interessei nem tanto pela forma de educar os outros, mas pelo trabalho sobre a sua própria educação. Como se emancipar. Foucault talvez seja um dos filósofos contemporâneos que mais coloca no centro do seu trabalho o problema da emancipação, e isso é muito nítido nos seus últimos textos - como se tornar maior, num regresso a Kant. Foi isso mais que eu procurei trabalhar, de como se servir ao seu próprio entendimento, da sua própria razão. Não de uma razão universal, de uma razão que se dobra, se verga a uma lei

¹ Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843): poeta lírico alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

moral universal, mas uma razão que dá a si mesma princípios de ação que são éticos, mas são princípios de intervenção na vida política, de inscrição no campo do saber. Esse é um recorte de inspiração kantiana, mas em todo caso de um certo Kant, não o mesmo Kant que Foucault tinha criticado nos anos 1960, precisamente quando ele falava de Artaud, Bataille², Klossovski¹, mas um outro Kant, que é o da atualidade, do Iluminismo, do Esclarecimento, desse outro Kant que escreve como programa das luzes o tornar-se maior, tornar-se independente.

IHU On-Line - Quais seriam as principais idéias de Foucault para pensarmos a relação do homem com o outro?

Diogo Sardinha - Aquilo que mais me parece importante é no fundo a conclusão de que você só pode construir uma relação interessante com os outros se construir primeiro uma relação interessante com você mesmo. Uma relação rica com os outros primeiro deve passar por uma relação rica consigo mesmo. Então, no fundo a relação com o outro, essa alteridade, depende muito do modo como você quer ser naquela relação, no modo como você quer parecer aos outros. Nesse aparecimento ao outro, em que naturalmente você está aberto também às reações dos outros que vão mudar, alterar as relações nos dois sentidos, ela passa primeiro por uma relação rica com você mesmo. A relação com o outro só é interessante se você for interessante, se você trabalhar para ser alguém interessante por você mesmo. Uma relação torna-se interessante, se houver uma abertura às preocupações dos outros, à sensibilidade dos outros. Segundo Foucault, você tem que se tornar interessante, você tem que se tornar uma pessoa rica. Só

² Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

uma pessoa rica pode oferecer coisas aos outros e pode também enriquecer essa relação com o outro, senão passa a ser apenas uma relação social, superficial, em que você não está preocupado com aquilo que é. Você tem que se tornar algo que ainda não é, tem que ser mais profundamente uma coisa que já está tentando ser. Se há uma dimensão de sabedoria no sentido clássico, essa dimensão é aquela que diz que você tem que trabalhar primeiro sobre você. Em uma última análise, o sábio é aquele que não precisa do outro, que pode resistir ao abandono de todos os outros. É claro que não é o caso de Foucault. Cada um utiliza Foucault como entende, com a sua sensibilidade. Para mim, foi muito importante essa lição do trabalho sobre si mesmo, das escolhas que fazemos de nós mesmos, sem qualquer valor moral imposto de fora. É o exercício da sua liberdade, o que você quer ser, claro, que sempre com seus constrangimentos sociais, a educação que recebeu, o papel que as pessoas esperam que você exerça, mas ainda assim tem um espaço para você decidir o que quer ser.

IHU On-Line - Sobre Vigiar e Punir, uma das obras mais conhecidas e discutidas de Foucault, como ela poderia ajudar a fazermos uma leitura crítica do sistema prisional?

Diogo Sardinha - *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991, foi encarado por muitas pessoas como um instrumento de ação, um instrumento de reflexão na luta pelos direitos dos prisioneiros, na luta por reformas nas estruturas prisional e judiciária, e isso ainda hoje exerce seus efeitos. Ainda hoje há muita gente trabalhando sobre a questão das prisões, que se inspira de uma pesquisa que Foucault fez com conclusões muito duras. Com relação a reformas prisionais, eu não

¹ Pierre Klossovski: filósofo francês, autor de, entre outros, ***O baphomet***. São Paulo: Max Limonad, 1986 e ***Nietzsche***. Paris: Gallimard, 1971. (Nota da *IHU On-Line*)

saberia dizer especificamente no que a obra poderia auxiliar porque não estou a par desses debates. Mas posso dizer que, ainda hoje, *Vigiar e Punir* é uma referência importante para pessoas que se dedicam a esse trabalho.

IHU On-Line - “A modernidade que descobriu a liberdade, também descobriu as disciplinas”. Como essa afirmação de Foucault pode expressar o surgimento desse paradoxo do aumento da liberdade na nossa sociedade, mas por um outro lado, também do aumento da coerção?

Diogo Sardinha - Se você fala num aumento da liberdade, aquilo que você acaba de ler não fala de aumento da liberdade, mas da invenção das liberdades, como se as liberdades antes não existissem. Foucault sempre resistiu a fazer esse tipo de medida, de avaliar a quantidade de liberdade, por exemplo, se antes éramos mais ou menos livres. A Modernidade inventou certas liberdades, por exemplo, a liberdade de circulação, que era muito restrita, que era subordinada a limites muito rígidos na época medieval, até pela própria estrutura fundiária, a relação entre as cidades e o campo. Na verdade, a liberdade de circulação, de contratação, de expressão, todas essas liberdades, no fundo o que ele quer nos dizer é que elas apareceram ao mesmo tempo que as disciplinas. Mas no fundo essa frase tem outras coisas por trás, e outras coisas que podem resumir a idéia seguinte: as liberdades só vieram a parecer como tal, porque houve uma generalização das disciplinas.

As disciplinas acabam por ser quase que o fundamento das liberdades, a condição de possibilidade das liberdades. Isso é que é dramático, é nós acharmos que as nossas liberdades, no fundo não são nada mais do que aquilo que vem à superfície desse trabalho profundo, que é o trabalho disciplinar e o trabalho de normalização. Essa idéia, que é muito radicalmente expressa em *Vigiar e Punir*, é, por um lado, muito tentadora e, por outro,

muito difícil de aceitar. Mesmo Foucault não aceitou essa sua própria idéia, tanto que nos cursos que estão sendo agora publicados, ele volta a essa questão, e vai trabalhar as liberdades de outro ponto de vista, do liberalismo. O liberalismo é a sociedade das liberdades. E aí a dimensão disciplinar perde um pouco de espaço e permite o aparecimento de outras estruturas, de outras modalidades de governo, sobretudo no aspecto da biopolítica.

IHU On-Line - Os dispositivos de controle hoje da nossa sociedade seriam uma espécie de panópticos? Estaríamos vivendo em uma sociedade de maneira aberta, mas constantemente vigiada?

Diogo Sardinha - O interessante é que Foucault sublinha que não quer ter idéias gerais sobre a sociedade, uma idéia global. No fundo, lemos *Vigiar e Punir* como ele quase nos convida a fazê-lo, podendo extrair desse livro uma idéia da sociedade. Foucault escreve isso com todas as letras, de que nós vivemos em uma sociedade panóptica, de plena visibilidade, de vigilância. Eu não acho que isso resuma a verdade da sociedade. Em *Vigiar e Punir*, no fundo Foucault veio opor-se aos teóricos da sociedade do espetáculo, dizendo que nós não vivemos na sociedade do espetáculo, mas que vivemos na vigilância. Mas isso não é verdade. Nós vivemos também na sociedade do espetáculo. Nós vivemos em uma sociedade que tem aspectos de vigilância, aspectos de segurança, de espetáculo. Podemos decidir um pouco das nossas vidas, nós não temos que decidir tudo consoante com a vigilância do outro. Essa teoria não pode nos bastar, e não foi suficiente para ele, por isso ele depois de *Vigiar e Punir* continuou escrevendo, dando aulas e, muitas vezes, repudiando aquilo que tinha escrito, ou mesmo reescrevendo seus próprios livros. Quando ele vai trabalhar o liberalismo nos curso do Collège de France, no final dos anos 1970, ele vai pôr em causa muito boa parte da estrutura de *Vigiar e punir*. Quando ele vai se

dedicar à ética, ele vai descobrir um espaço de liberdade que ele não havia levado em conta em *Vigiar e punir*. Então, permanecer fiel a um texto de Foucault, é, no fundo, permanecer fiel ao espírito de Foucault, que sempre o conduzia a reescrever os seus textos e a fazer, muitas vezes, coisas que ele tinha sugerido que não seriam interessantes de fazer. Quando ele trabalha a sociedade com base no regime da prisão, e quando ele acha, nesse momento que não é interessante trabalhá-lo com base no regime das liberdades, ele muda de opinião mais tarde e trabalha com base nas questões das liberdades - a liberdade econômica, de circulação, de contratação, de trabalho. Trabalhando a sociedade sob esse outro ponto de vista, que, no princípio, ele tinha quase renegado, ele descobre outras coisas. Para nós, permanecer fiel a uma coisa interessante que Foucault tenha dito é não ficar acantonado em um tipo de análise que ele fez, porque ele foi o primeiro a reanalisar os mesmos problemas de outros pontos de vista, e a trazer coisas nessas novas análises, coisas completamente inesperadas para ele mesmo. Lendo seus textos, seus cursos, vemos como ele está, ao mesmo tempo, surpreso pelo que descobre e como tenta, digamos, conciliar aquilo que diz agora com tudo o que disse no passado. Foucault se reescreve permanentemente. Mudar de opinião, de conclusões e de pistas com relação às pistas que foram as dele, às conclusões que foram as dele, é algo que ele faz permanentemente.

IHU On-Line - Quanto a uma análise do estigma, sobre os loucos e presidiários, especificamente, ela permanece atual ao que hoje se apresenta em nossa sociedade?

Diogo Sardinha - A realidade muda muito em pouco tempo. A realidade do sistema prisional mudou muito nos últimos vinte, trinta anos. A realidade do mundo psiquiátrico mudou também, houve movimentos antipsiquiátricos muito fortes, houve um rescaldo a esses

movimentos, reformas em vários países, descobertas que mudaram o modo de tratar aquilo que chamamos de loucura ou doença mental. Quanto à reatualização dessas análises, esse seria um trabalho a ser feito, e que eu não fiz, mas talvez outros tenham feito. Em todo caso, o trabalho de Foucault se mantém como inspiração. Hoje em dia, é muito difícil para nós pensarmos em normalidade e anormalidade, razão e loucura, sem ter em conta aquilo que ele escreveu e sem ter em conta precisamente essa dimensão do estigma e da forma, como nós podemos incluir ou excluir outras pessoas porque elas são loucas, ou anormais, ou criminosas. Claro que todas essas análises mudaram muito na influência daquilo que ele escreveu. Entretanto, cada um desses aspectos talvez precise ser analisado com um novo olhar para ver como seria o diagnóstico de hoje.

IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar mais algum aspecto não questionado?

Diogo Sardinha - Aquilo que nos ensinam todos os grandes pensadores, e Foucault é um deles, é que, se a educação passa pela nossa própria educação, ela passa também pela nossa emancipação em relação aos grandes autores. Não se trata de esquecer Foucault, mas trata-se de pensar além dele, não ficar preso nas análises que ele fez. A emancipação de todos que se interessam pela obra de Foucault, passa por um trabalho para além de

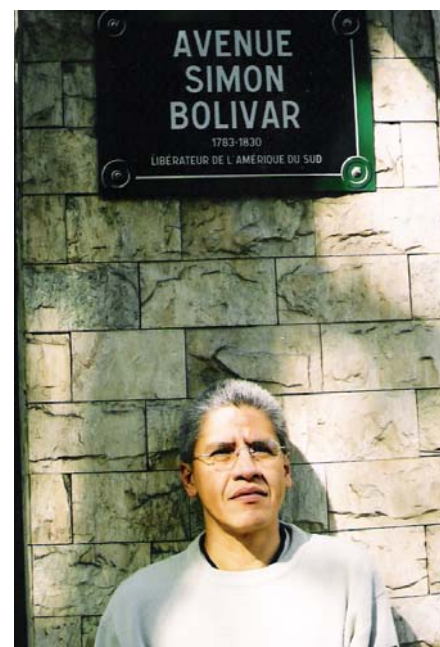
Foucault, não apenas na repetição e na inspiração, mas talvez lendo certos autores que Foucault criticou num dado momento de sua vida e que ele não pôde recuperar num outro momento, porque ele morreu. Se ele vai recuperar um certo Kant no final da vida, porque nós hoje não poderíamos recuperar um certo Hegel, ou um certo Marx, ou outros autores que eram alvos fortes da obra dele. Por que hoje não ler esses autores, não esquecendo Foucault, mas depois de Foucault? Foucault é um dos pensadores da morte do homem, mas hoje existe o humano, ou seja, como nós podemos pensar hoje o humano depois de Foucault? Foucault é um dos autores da dispersão. O saber não se confunde com o poder, ou o poder entra em certas relações com o saber, mas, no final da vida, ele insiste para que nós tenhamos um olhar sobre cada experiência, de um modo sistemático, cruzando essas três dimensões que aparentemente pareciam separadas. Talvez o nosso trabalho hoje não seja mais de separar, como ele fez, mas de reinventar uma sistematicidade do pensamento. Essas são tarefas que podem parecer ir contra a obra de Foucault, mas na verdade eu penso que não, os desafios que ele nos lança devemos tomar a sério, mesmo se, ao fazermos isso, damos a falsa impressão de ir contra o trabalho dele.

“Nosso castigo simbólico mais eficaz é nossa própria mudez diante da imagem”

ENTREVISTA COM JORGE DAVILA

Para Jorge Dávila, professor titular no Centro de Investigações em Sitemologia Interpretativa da Universidade dos Andes, Venezuela, o estudo genealógico do nascimento da prisão realizado por Foucault em Vigiar e Punir “continua sendo atual no sentido em que desvela uma parte da história do presente, ou seja, aporta uma compreensão das condições de possibilidade - condições históricas de fundamentação - de nosso modo de viver no presente”. E continua: “A atualidade desta genealogia da prisão radica no fato de ela mostrar o fenômeno essencial da prisão que se identifica em seu próprio nascimento, a saber, o de tornar visível o lado escuro da luta pela liberdade individual, ou, em outras palavras, o de mostrar os limites negativos dos direitos humanos”. Dávila mencionou, ainda, que “talvez possamos dizer que o castigo simbólico mais eficaz do arquipélago carcerário constitutivo da sociedade moderna macdonaldizada opera com o poder da imagem posta a serviço do mero simulacro, uma imagem que subjuga de maneira esmagadora a riqueza do dizer. Nosso castigo simbólico mais eficaz, porque produtivo, é nossa própria mudez diante da imagem”.

Dávila é engenheiro de sistemas graduado pela Universidade dos Andes e cursou pós-graduação em Ciências Sociais na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, França, sob a direção de Edgar Morin. É professor convidado no Centro de Estudos de Sistemas da Universidade de Hull (Inglaterra), no Centro Michel Foucault, de Paris, e na Universidade Paris XII. É autor de inúmeros artigos sobre Foucault e dos seguintes livros: Michel Foucault lector de Kant (co-autoria de Frédéric Gros). Consejo de Publicaciones de la Universidad de Los Andes, 1998; Conocimiento y Literatura. Michel Foucault. Ediciones del Instituto de Investigaciones Literarias, ULA; 1999 e La tentación demagógica. Ediciones CONAC, 2005.



IHU On-Line - Qual é a atualidade de Vigiar e punir?

Como pode ela inspirar uma crítica ao sistema prisional de nossos dias e auxiliar na fundamentação de uma discussão dos direitos humanos dos prisioneiros?

Jorge Dávila - Recordo que é nesta obra que Foucault mencionou, por primeira vez, a idéia de uma “história do presente”. Embora esta fosse a primeira vez, é claro que Foucault praticou este modo de fazer história em seus estudos anteriores, dedicados ao saber psiquiátrico e ao saber clínico (cada um com suas instituições) e às mutações epistêmicas nos campos do saber das ciências econômicas, da linguagem e da vida. Em *Vigiar e punir* se generaliza, por assim dizer, este modo de fazer história e daí vem sua atualidade. Eu me explico: o estudo genealógico do nascimento da prisão continua sendo atual no sentido em que desvela uma parte da história do presente, ou seja, aporta uma compreensão das condições de possibilidade - condições históricas de fundamentação - de nosso modo de viver no presente. Essa genealogia é uma história crítica de nosso modo de viver moderno, uma genealogia que retoma a crítica dos saberes-poderes já analisados por Foucault em *A história da loucura*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*. Trata-se de uma caracterização da sociedade moderna como um arquipélago carcerário no qual reina o poder-saber normatizador. Não se pode esquecer que o livro encerra com uma nota ao pé da página, na qual o autor diz que essa obra há de servir como “fundo histórico” para outras análises do poder-saber normatizador. A atualidade desta genealogia da prisão radica no fato de ela mostrar o fenômeno essencial da prisão que se identifica em seu próprio nascimento, a saber, o de tornar visível o lado escuro da luta pela liberdade individual, ou, em outras palavras, o de mostrar os limites negativos dos direitos humanos. A atualidade desta genealogia é, pois, sua condição de servir de marco compreensivo da profunda contradição

entre os ideais constitutivos da modernidade e a realidade construída por detrás de sua invocação.

IHU On-Line - “A modernidade que descobriu a liberdade também descobriu a disciplina”. De que modo esta afirmação de Foucault expressa o surgimento paradoxal dos mecanismos de coerção ao lado da ampliação da liberdade?

Jorge Dávila - Parece-me que a aguda observação de Foucault, não só relacionada com o nascimento da prisão, mas no fundo, com o nascimento da modernidade, tem sua maior densidade em ter trazido à luz, num domínio até então desprezado pela filosofia, o modo como o pensamento moderno leva em seu seio a gestação da contracorrente dos ideais invocados por este mesmo pensamento. O mais interessante, porém, é que os estudos de Foucault nos ensinam que esses ideais e sua contracorrente são constitutivos da própria modernidade. Assim que, mais do que um paradoxo, trata-se da identificação de um modo de pensamento, de um modo de ação, de um modo discursivo, de um modo de dizer, enfim, de um modo de viver que é totalmente dependente da figura do simulacro; um simulacro que, como já o vemos nestes inícios do século XXI, se mostra desnudado na medida em que os ideais invocados cumprem um papel justificador de sua própria contracorrente. Sem que nos assombre, estamos habituados a que o ideal e sua coerção se tornem um e o mesmo. Em outras palavras, o sonho da liberdade convive com sua aparente negação (o poder normatizador) que, ao mesmo tempo, o fortalece, não como sonho - em sentido positivo, *rêve* - senão que o adormece, torna-o *sommeil*; Foucault já o havia assinalado claramente em *As palavras e as coisas*, na última secção do magnífico capítulo intitulado *O homem e seus duplês*. O efeito mais profundo, porém, desse adormecimento não se esgota no plano da liberdade. Ocorre que esse adormecimento é também do

pensamento, é o modo de olvido que a modernidade desenvolveu em relação com as fontes vitais do pensamento; quero dizer que Foucault nos ensina como a modernidade fez do pensamento uma aventura que despreza e renega da vida filosófica a aventura na qual o cientificismo e o tecnicismo colonizaram todos os espaços do mundo e da vida, forçando a crítica a permanecer num longo adormecimento.

IHU On-Line - Como é possível, a partir de Vigiar e punir, perceber a crítica de Foucault à modernidade e ao seu otimismo teórico-científico?

Jorge Dávila - É simples. O otimismo relacionado com o avanço do saber, especialmente do técnico, está fundado no poder canalizador do comportamento humano numa sociedade onde o que conta é a produção do sujeito moderno do trabalho, categoria à qual se subordinam a vida e a linguagem como fundo de condição existencial. O poder normatizador, canalizador, disciplinador - é o que mostra Foucault - é um poder produtivo, um poder de produção e para a produção. A importância da crítica que nos ensina Foucault com sua história, é que essa produção nasce do que nos parecem excessos, nos modos mais básicos de nossa existência. Essa crítica é importante porque, sem essa identificação, a crítica ao poder erraria totalmente o alvo essencial. E o que é esse alvo essencial está finalmente em nós mesmos. Por isso, a fascinação do último Foucault com o tema do cuidado de si mesmo.

IHU On-Line - O panóptico de Bentham, inspirador para a análise foucaultiana, assumiu outras formas em nossa sociedade? Em linhas gerais, podemos dizer que a sociedade pós-moderna se converteu numa “instituição total aberta” e estamos “presos” pela vigilância de um panóptico fora do cárcere?

Jorge Dávila - Sem dúvida. Ou melhor, há demasiadas evidências de que é este o caso. Posso invocar apenas

uma que me parece mais importante. Trata-se do fenômeno que o sociólogo estadunidense George Ritzer¹ denominou “a macdonaldização da sociedade”. Com excelentes argumentos mostra ele, não seguindo precisamente Foucault, senão antes Max Weber, que a vida cotidiana na sociedade moderna altamente industrializada - como a dos Estados Unidos - está sob o jugo de um poder normatizador que se caracteriza, por extensão, com os elementos que Weber identificou no que chamou de “a jaula de ferro” da sociedade moderna. Para Weber, era a visão de um final grisalho, opaco, da dominação legal suportada na burocracia, uma “noite polar de gélida obscuridade”, um final kafkiano da sociedade moderna que, já em meados do século XIX, havia sido vislumbrado pela literatura antes do que pela sociologia, na novela de A. Stifter²: *Der Nachsommer (O veranico de São Martinho)*. A virtude da análise de Ritzer consiste em saber mostrar que essa jaula já não se nos apresenta com a dureza e frialdade do ferro, senão com a suavidade do terciopelo, “a jaula de terciopelo da macdonaldização”, quer dizer, nela se vive tão comodamente, ou seja, de um modo tão absolutamente normatizado, disciplinado, convencido de que a cotidianidade é escolhida com a mais pura liberdade, que o “cidadão” é incapaz de perceber a jaula, pois suavemente desliza entre os barrotes recobertos de terciopelo que definem os limites de sua “cidade”. Parece-me que este é um bom exemplo do simulacro a que me referia antes.

IHU On-Line - Como Foucault descreve a economia prisional do castigo-medida (simbólica) que ocupou o

¹ George Ritzer (1940): sociólogo americano, conhecido por suas contribuições ao estudo sobre o consumo, globalização, metateoria e teoria social geral da modernidade e pós-modernidade. Sua obra mais conhecida é *The McDonaldization of Society*. Thousand Oaks: Pine Forge, 1996-2000. (Nota da *IHU On-Line*)

² Adalbert Stifter (1805-1868): escritor, poeta, pintor e pedagogo austríaco. (Nota da *IHU On-Line*)

lugar do castigo-suplício (físico)? Quais são as roupagens que o castigo assumiu hoje em dia?

Jorge Dávila - Sem dúvida que, abstraindo da crueza da depravação carcerária de nossos países, onde continua prevalecendo o castigo físico exercido em nome do castigo simbólico ou em nome das promessas eternas de reabilitação e reinserção social, o castigo-simbólico prevalece na vida cotidiana dos que não estamos presos no cárcere oficial. Não é difícil constatar que, desde o amanhecer até nosso sono reparador, a jornada se desenvolve numa sucessão de castigos simbólicos que, de maneira dominante, são exercidos pelo peso dos chamados meios de comunicação de massa, os *mídia*. Parece-me que esses meios são verdadeiras armas de destruição maciça, no sentido do velho e sempre radiante princípio da filosofia de que não há pior mal de que padeça o ser humano do que ser prisioneiro do conhecimento simplista, superficial ou falso que, em geral, oferece a opinião, a *doxa*. Invoco novamente a noção de simulacro: vivemos convencidos de possuímos - ou acessarmos quando o queiramos e de maneira instantânea - todo ou quase todo o conhecimento verdadeiro de tudo ou quase tudo: a realidade é que essa convicção esconde, ao modo de terciopelo, nossa profunda ignorância de tudo ou quase tudo, recoberta esquisitamente com os edulcorantes da *doxa* que ingerimos graças aos meios de comunicação (destruição) maciça. Talvez possamos dizer que o castigo simbólico mais eficaz do arquipélago carcerário constitutivo da sociedade moderna macdonaldizada opera com o poder da imagem posta a serviço do mero simulacro, uma imagem que subjuga de maneira esmagadora a riqueza do dizer. Nosso castigo simbólico mais eficaz, porque produtivo, é nossa própria mudez diante da imagem.

IHU On-Line - A mudança de paradigma do castigo físico, seguido de cerimônia pública, para o castigo simbólico, a fim de alcançar a alma, reflete a mudança

do sujeito moderno e da época na qual vive? A vigilância exercida junto ao castigo continua sendo um mecanismo eficaz? Como o senhor avalia o caráter excludente desse processo?

Jorge Dávila - É fácil constatar o delírio de vigilância que transborda na sociedade altamente industrializada. Basta andar com os olhos atentos em qualquer lugar para assombrar-se da quantidade de câmaras de vigilância ocultas ou semi-ocultas e demais controles sofisticados que operam como mecanismos de discriminação (também envoltos em terciopelo) ou de preâmbulos de castigo não só simbólico senão rudemente físico. Parece-me que pouco falta para que as câmaras de vigilância “inteligentes” sigam automaticamente uma observação detalhada do mendigo, do esfarrapado, do imigrante ilegal, de modo que facilite a operação, automática também, do castigo físico invisível: a deportação, por exemplo. Mas também, e isso foi produzido pelo saber da técnica mercadológica, a vigilância se exerce em nosso comportamento como consumidores, como o único que valemos como sujeitos do mercado, para fazer-nos cada vez melhores (quer dizer: dóceis), compradores das ilusões mercantilistas.

Disciplina hoje

A disciplina consiste hoje em que nós mesmos sejamos os sujeitos de nosso próprio castigo, os vigilantes de nossa própria segurança egoísta; é a disciplina com que se sustentam os “estados de violência”, como os chamou Frédéric Gros¹. E, como você me pergunta pelo caráter excludente, eu diria que a disciplina refinada de nossa sociedade contemporânea mascara e legitima a injustiça, fazendo-nos falar aos borbotões da exclusão. Quando nos referimos às grotescas “exclusões”, marcamos com o estigma de excluídos aos que, certamente, estão

¹ Frédéric Gros: filósofo francês, especialista em Michel Foucault, autor de, entre outros, *États de violence : essai sur la fin de la guerre*. Paris: Gallimard, 2006. (Nota da IHU On-Line)

incluídos, porém num sistema em que ocupam a parte da dor e da pena fruto da desigualdade social e da injustiça na repartição da riqueza. O que quero dizer é que em nossos discursos comuns sobre a exclusão, sem darmos conta, justificamos o sistema de desigualdade injusta que inclui os despossuídos, porém somente nessa condição de injustiça e perdemos o verdadeiro alvo da crítica. Qual? A essência desse mesmo sistema de injustiça.

IHU On-Line - O nascimento da prisão está relacionado com um projeto de transformação dos indivíduos, para melhorar os resultados da pena. Entretanto, nessas pessoas pesa o estigma do cárcere. Além do estigma, não haveria um refinamento da delinqüência no sujeito, levando em consideração a afirmação de Foucault que “a prisão é uma fábrica de delinqüentes”? E o que seria o “eterno retorno” da reforma do sistema carcerário ao qual o senhor se refere em seu artigo “A moralidade do poder de castigar (Sobre “Vigiar e punir”, de Michel Foucault, vinte anos depois)”?

Jorge Dávila - O importante do estudo de Foucault a esse respeito é que ele demonstra que de modo histórico-crítico se pode afirmar que a prisão não tem um destino diferente do da reconfiguração delituosa do delinqüente. É certo que esta afirmação resulta para nós dolorosa. O que quis dizer então com “eterno retorno” é que, conforme o cárcere cumpre melhor seu papel de reconfigurar a delinqüência, nessa mesma medida vemos crescer o discurso que torna a cada dia mais urgente a reforma do sistema carcerário, e, vice-versa, é o que ensina o último capítulo de *Vigiar e punir*. Quer dizer, o empenho do discurso da reforma é um bom alimento da funcionalidade carcerária, ou visto superficialmente, é o que os sociólogos chamaram de efeito perverso de um sistema. E isso também acaba sendo doloroso, pois geralmente nos enchemos de uma esperança de que um

dia o cárcere não será mais monstruoso. Porém, nesse conto doloroso já levamos dois séculos. Talvez possa a análise de Foucault, e não só a de *Vigiar e punir*, ajudar-nos não precisamente a atenuar essa dor, senão antes convencer-nos que a “saída” para isso, que comumente se chama de vez em quando, em diversos países, de a crise carcerária (e da qual desfruta a *mídia* para difundir as mais intoxicantes e venenosas opiniões) radica no pôr a nu que a fonte desse problema está em nossa pobre caracterização da justiça como se ela somente fosse fruto dos ideais do direito.

Transformação ética

Mas, também essa “saída” é, em essência, entrada ao domínio de uma transformação da sociedade que seja capaz de sacudir as confusas raízes em que se sustenta nossa comodidade com o simulacro. É verdade que este último assunto desenvolveu-o com maior clareza o Foucault dos anos 1980, quando fez ver, dito com minhas palavras, que a verdadeira transformação radical de nossa modernidade há de ser essencialmente ética; se de revolução se trata, seria essencialmente uma revolução ética. Por “ética” entendeu esse último Foucault o compromisso radical de uma vida filosófica com a prática da verdade, a prática do dizer verdade, o que é uma atitude, um *etos*, que fundamenta a prática da liberdade como experiência histórico-crítica. É, assim a chamou, a “ética da palavra” forjada na tradição filosófica que iniciou Sócrates¹ na filosofia antiga; nessa tradição ela se enraíza historicamente. Essa ética da palavra, porém, como revolução ética, não é possível senão precisamente como forma de continuidade da crítica nascida da mesma modernidade, a crítica, por excelência, kantiana.

¹ Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - De que modo a leitura de Kant influenciou a ponderação foucaultiana sobre a verdade? E em que medida é possível dizer que Foucault rompe com o kantismo?

Jorge Dávila - Deve entender-se que houve variados encontros de Foucault com a filosofia kantiana. O primeiro, explícito, é o da *Tesis complementaria* de 1961 (nunca publicada, mas que circula livremente pela internet; é o texto comentário da *Antropologia* por ele traduzida). Ali está, ao meu modo de ver, toda a visão não só kantiana, como também nietzschiana que Foucault tornará sua até 1984. Trata-se, no que concerne a Kant, da grande valoração que tem Foucault do sentido de uma crítica que seja capaz de voltar-se sobre si mesma e que, epocalmente, significa a capacidade de perguntar-se pelo próprio presente em que se vive. Por isso, Foucault chegará a dizer, posteriormente, que o pequeno texto de Kant *Was ist Aufklärung? [O que é Esclarecimento]* se constituiu para ele num texto fetiche. É como se a visão crítica de Kant sobre o presente iluminista que lhe coube viver servisse a Foucault para compreender melhor por que, graças a Kant e, ao mesmo tempo, muito a seu pesar, a filosofia crítica entrou no sonho antropológico a afirmar-se na pergunta “O que é o homem”? Se em *As palavras e as coisas* aparece mais o Kant que alimentou a vertente antropologizante, a leitura de Kant que ofereceu Foucault em 1978 na Sociedade de Filosofia, e posteriormente, em 1983, em seu curso do Colégio de França, é uma leitura que

resgata o Kant histórico-crítico, no qual Foucault encontra inspiração para propor uma ética como “atitude de modernidade”. Eu não diria que este Kant lido por Foucault haja ponderado sua visão sobre a verdade; diria antes que há um duplo uso do kantismo por parte de Foucault: um, que inspirou seu estudo da *Antropologia* para espelhar o panorama do que seria sua visão crítica das ciências humanas, construída longe de toda finalidade de uma melhor fundamentação das mesmas; outro, o da compreensão da essência crítica da modernidade como uma atitude, como um *etos*, e não como o afã de implantar ideais construídos por aquela atitude que ela mesma pode, e deve (dito kantianamente!), submeter ao rigor da crítica.

Muito apesar do cacarejado estigma de pós-moderno que se costuma dar a Foucault, parece-me que ele representa a mais autêntica continuidade da modernidade entendida como atitude de modernidade; a mais autêntica, digo, porque nos últimos trabalhos filosóficos de Foucault essa atitude se desprendia, buscando raízes na mais pura tradição do pensamento filosófico, tornando sua a história do pensamento. Sua morte prematura não nos deixou ver mais, porém nos deixou esse ensinamento magistral, ensinamento de um “mestre de vida” e não de um “mestre de verdade”, como tentei explicar faz alguns dias no Rio, na UERJ, durante o *Colóquio Foucault 80 anos*, belo e amistoso encontro intelectual graças à calorosa hospitalidade brasileira.

“Uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria”

ENTREVISTA COM JUDITH REVEL

Judith Revel é filósofa e leciona na Universidade de Paris, Panteon-Sorbonne. Especialista no pensamento francês contemporâneo e particularmente em Michael Foucault, sobre o qual dirigiu a edição italiana dos Ditos e Escritos (Feltrinelli, 1996-1998), prepara um livro sobre a genealogia do conceito de diferença na França após 1945. Sua última obra publicada é Michel Foucault: Expériences de la pensée [Experiências do pensamento]. Paris: Bordas, 2005. É membro da redação da revista italiana Posse, e participa também da revista Multitudes. A filósofa esteve recentemente no Brasil palestrando no III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação: "Foucault, 80 anos", ocorrido de 9 a 11-10-2006 no Rio de Janeiro.

Por e-mail, Revel enfatizou, com exclusividade à IHU On-Line, que “a primeira contribuição de Foucault é ter rompido com um modelo de filosofia que era, até os anos 1950, hegemônico na França e de modo mais geral, na Europa. Este modelo era um pensamento fenomenológico que enraizava suas análises numa filosofia do sujeito de tradição cartesiana e que, mesmo após a leitura francesa, muito precoce, da filosofia alemã (...), continuou desenvolvendo temas, um método e pressupostos que Foucault recusou”. Revel acrescenta, ainda, que o pensamento de Foucault é surpreendente, pois é crítico e constituinte. “Creio que há em Foucault uma crítica muito espantosa das identidades: porque jamais se é qualquer coisa, porque não se é apenas um objeto no discurso, as práticas e as estratégias do poder, mas uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria, de variar em relação consigo mesma”.



IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Foucault que nos permitem compreender a sociedade pós-moderna?

Judith Revel - Eu creio que a primeira contribuição de Foucault é de ter rompido com um modelo de filosofia que era, até os anos 1950, hegemônico na França e de modo mais geral, na Europa. Este modelo era um pensamento fenomenológico que enraizava suas análises numa filosofia do sujeito de tradição cartesiana e que, mesmo após a leitura francesa, muito precoce, da filosofia alemã - em particular, de maneira ao mesmo tempo diferenciada e, no entanto entrecruzada, de Hegel¹, de Husserl² e de Heidegger³, continuou desenvolvendo temas, um método e pressupostos que Foucault recusou. Os temas eram essencialmente aqueles ligados ao postulado da centralidade da consciência soberana (em todas as suas formulações, do ego cogito

¹ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da *IHU On-Line*)

² Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Martin Heidegger de Messkirch (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

cartesiano à infeliz consciência fenomenológica, ou às variações psicologizantes e literárias de Sartre⁴); o método era o de uma filosofia concebida como sistema fechado e estável e erigido em construção aistórica - mesmo quando ela pretendia ser uma filosofia da história - ; enfim, os pressupostos consistiam em afirmar que toda pesquisa da verdade não pode fazer a economia de uma referência a um fundo, a uma transcendência - ou ao caráter transcendental de seus *a priori* epistemológicos; e que a verdade em si mesma não pode ser submetida ao mesmo tipo de investigação que se aplica aos objetos do mundo. Queria-se, então, que a verdade fosse pura, atemporal, absoluta e estável. Contra tudo isso, Foucault tentou um percurso diferente: historicizando as diferentes representações do sujeito - e do mundo no qual vive -, historicizando a própria noção de história e os paradigmas historiográficos aos quais esta deu lugar; recusando toda transcendência - o que não significa mergulhar no relativismo, mas redefinir ao mesmo tempo nossa relação com a verdade e a consistência que damos a esta última. A seguir, este trabalho, creio, tem sido importante pelo menos em três campos: o da análise dos discursos (Foucault acompanhava nisto um movimento bem mais amplo que se interessava pela linguagem, recusando ou descentralizando o sujeito, do novo romance ao estruturalismo; mas ele foi, creio eu, mais longe que eles, porque ele jamais se deixou encerrar pela noção de estrutura: ele sempre refletiu *do interior e ao interior*

⁴ Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A Náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

da história); o da análise dos poderes; o da análise da maneira pela qual os sujeitos, resistindo, se produzem a si mesmos - o que ele chamou de estética. Enfim, não se pode deixar de mencionar a dupla dimensão que Foucault faz muito rapidamente vibrar de maneira contemporânea, ao mesmo tempo: uma arqueologia (isto é, o questionamento de uma periodização histórica em função duma problematização dada, como, por exemplo, a idade clássica em função da loucura, ou o século XVIII em função do quadriculado epistemológico das ciências humanas); e uma genealogia (isto é, uma reversão do questionamento em direção ao nosso próprio presente, uma “ontologia da atualidade” sob a forma duma interrogação sobre as “formas da franquia possível”) - em suma, uma descoberta do que nós podemos ser a partir do que nós somos e do que nós fomos.

Derrida¹ está freqüentemente próximo a Foucault na crítica do pensamento da transcendência - o que Derrida chama de a grande “mitologia branca” - e na historicização das categorias que nos permitem representar o mundo e o sujeito no mundo; mas, eu creio que o que falta a Derrida, é a dimensão da genealogia. Ou antes: em Derrida, a genealogia é posterior à arqueologia, ela está nos últimos trabalhos. Em Foucault, a arqueologia e a genealogia são co-presentes, a fascinação do passado e o cuidado do presente são inseparáveis. Em Deleuze, no entanto, só se encontra uma genealogia - formidável, aliás. Mas nenhuma passagem pela arqueologia do moderno. É nisso que

¹ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com freqüência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Éthique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

Foucault é surpreendente: seu pensamento é ao mesmo tempo crítico e constituinte.

***IHU On-Line* - Em que aspectos sua filosofia continua dando respaldo ao respeito da alteridade e voz aos diferentes discursos na sociedade?**

Judith Revel - Eu não sei se a palavra “respeito” é apropriada. Para Foucault, não se trata de ser gentil, generoso, moralmente tolerante. Trata-se de compreender que o “outro”, seja ele quem for, é sempre o outro do mesmo - isto é, literalmente dependente dele, definido por ele, modelado, nomeado, identificado e circunscrito por ele. O outro é uma invenção do mesmo, o louco é uma invenção do espírito são, o desencaminhado do cidadão honesto. Cada época traça limites à sua própria normalidade e designa dessa forma o além desse limite. Mas, para fazer de modo que este além não represente dano e seja governável, é preciso construí-lo como sua própria alteridade, produzir o saber, inventar o lugar físico. Os limites, os saberes, as práticas e os lugares podem, sim, mudar; os espaços simbólicos aos quais eles se aplicam (a loucura, a clínica, a normalidade social, a produção do discurso inteligente, a sexualidade...) podem, sim, variar segundo as periodizações e as culturas, mas o mecanismo é sempre o mesmo. O outro é ao mesmo tempo uma invenção, uma necessidade e um apêndice do poder.

***IHU On-Line* - A senhora afirma que a originalidade de Foucault é de ter sabido mostrar, ao mesmo tempo, em que medida qualquer transgressão nasceria do limite que a denunciase, e podia, no entanto, tornar-se autônoma. Pode explicar melhor esta idéia?**

Judith Revel - É preciso prestar atenção ao termo “transgressão”, porque Foucault, que o toma provavelmente de Bataille no início dos anos 1960, o

abandona rapidamente - precisamente porque a relação entre o limite e a transgressão do limite parece fechar-se num círculo dialético. A partir dos anos 1970, Foucault fala em revanche de “resistência”, ele afirma que a resistência, como prática da liberdade, se dá no próprio interior das relações de poder (e não *fora* do mesmo), e que, inversamente, as relações de poder se nutrem da liberdade das pessoas, ele consegue, apesar de tudo, quebrar a falsa simetria entre os dois termos. O poder é uma ação sobre a ação das pessoas: ela é sempre segunda, reativa, reprodutiva. Ao contrário, a prática da liberdade - o que Foucault descreve como uma produção de subjetividade, como uma invenção de si (unicamente de si, e de si com e através dos outros) - é ativa, produtiva, geradora, é uma criação. É nisso que a resistência, a prática da liberdade, a relação ética consigo delineiam o espaço de uma nova política que não seria mais somente aquela do poder: uma política que tomaria a forma de uma verdadeira ontologia.

IHU On-Line - Qual seria o papel político do homem que assume a produção de sua própria subjetividade e se constrói a si mesmo como uma obra de arte, como o afirma Foucault, inspirado em Nietzsche? Quais são as implicações desse protagonismo do sujeito pós-moderno na arena da democracia representativa?

Judith Revel - Antes de perguntar-se qual poderia ser a ação política do sujeito pós-moderno que se constrói a si próprio, eu creio que é necessário compreender que aquilo em torno do qual o homem escolhe produzir-se, o que ele decide constituir como o espaço de sua própria produção, é estritamente ligado a uma periodização, a uma *épistème*, diria Foucault. É o que Foucault chama de o *ethos*. O espaço do *ethos*, o espaço da relação constituinte de si e dos outros muda na história. É preciso, então, antes de tudo perguntar-se qual é o *ethos* de nossa época. O que Foucault mostra muito bem para

os gregos - esse *ethos* que passa por uma relação com os *aphrodisia*, e que mudará profundamente com a pastoral cristã - não vale mais em 1984 e menos ainda em 2006. Não se trata de se tornar novamente gregos, nem de pensar que eles foram mais admiráveis do que nós. Trata-se precisamente de compreender o que nós não somos mais, a fim de nos perguntar, ao contrário, o que nós somos hoje. E, uma vez feito este diagnóstico, será preciso perguntar-nos o que nós podemos e queremos, ao contrário, tornar-nos. É isso, produzir-se a si mesmo - e cada um de nós o faz desde que resiste, desde que exerce seu poder incondicionado de liberdade, desde que ele escolhe afirmar uma diferença, criar um destaque. A dimensão coletiva que pode implicar uma tal produção subjetiva fascinava Foucault: ele não cessou de tentar compreender o que estava aí em jogo, em contextos e lugares diferentes, desde o GIP¹ até o Irã, ou ao movimento gay. Parece-me que as teorizações atuais na noção “spinoziana” de “multidão” - entendida como conjunto aberto de diferenças - embora aparentemente elas devam mais a Deleuze do que a Foucault, prolongam as análises ‘foucaultianas’ de maneira apaixonante. Uma multidão não é um “povo”, nem uma nação, nem um Estado, nem um partido. Spinoza² contra Hobbes³, em suma: procura-se recusar toda dimensão

¹ GIP: Grupo de Informação sobre as Prisões. (Nota da *IHU On-Line*)

² Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Ainda jovem apaixonou-se pelos estudos e aprende o hebraico e as línguas clássicas. Lê Descartes com avidez, um dos seus filósofos favoritos. Cedo suas idéias tornam-se conhecidas, e os judeus consideram-nas heréticas. Por isso é expulso da sinagoga. Em 1656, é vítima de uma tentativa de assassinato. Para evitar que se torne um perseguido, retira-se para Leyden e para Rynsvarg e ganha a vida polindo lentes para telescópios e microscópios. Publica um *Tratado Político (Tractus Tehologico-Politicus)*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Thomas Hobbes (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações

coletiva que fosse fundada sobre um pressuposto de unidade (a unidade: o idêntico a si mesmo), que apagaria as diferenças e as variações singulares, a fim de constituir o “corpo” unitário da sociedade; ao contrário, afirma-se que é possível fazer surgirem ao infinito as diferenças, o múltiplo, o devir (porque cada diferença, no tempo, pode diferir não somente dos outros, mas também de si mesmo), e portanto, que isso não implica um espargimento, uma dissolução, um mal, a guerra de todos contra todos¹, à maneira hobbesiana. O que se chama, então, de o “comum”, contra o “coletivo” do contrato, contra a unificação/neutralização da vontade geral.

É evidente, neste contexto, que as teorias da representação política se tornam insustentáveis. Atenção: sem dúvida elas funcionaram - porque o pensamento político moderno funcionou durante três séculos e meio. Mas, se o pensamento francês pós-estruturalista nos faz sair do moderno, se o mundo não é mais governado por Estados-nações, mas por processos de governança mundial, não será preciso redefinir o funcionamento da democracia? Há no mundo um certo número de experimentações de democracia não-representativa (mas, ao contrário, absoluta, radical, direta, participativa...) que são interessantes de serem seguidas sob este ponto de vista... E poder-se-ia dizer a mesma coisa de certos movimentos - por exemplo, o movimento dos últimos anos pela paz contra a guerra no Iraque. Isso, sem dúvida, teria apaixonado Foucault.

egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Guerra de todos contra todos: Conceito criado por Thomas Hobbes em *O Leviatã*, para explicar a condição originária da humanidade, que vive em conflito permanente, só controlado através da criação de um contrato social. O conceito também é mencionado como “estado de natureza”, uma espécie de estado “pré-social”. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Foucault compreendia o indivíduo como contingente, formado pelo peso da tradição moral, não sendo, por isso, verdadeiramente autônomo. Como é possível entender esta concepção ao lado da proposição de homem que se constrói? Não reside aqui uma contradição entre determinismo e autonomia?

Judith Revel - Se você põe a questão desta maneira, você supõe que só se pode ser determinado ou autônomo: o determinismo e a liberdade se defrontam, eles se opõem e representam cada um o simétrico inverso do outro. Não é o que pensa Foucault: porque não se é livre numa espécie de fora do poder, no exterior das determinações que são as nossas, mas, ao contrário, dentro: porque não se trata de libertar-se das determinações que nos fazem ser o que somos, mas de fazer vibrar a liberdade. Em Foucault não há um pensamento da libertação, há uma ética da liberdade, o que não é a mesma coisa. E isso não é uma recusa de registrar o caráter concreto das relações de poder (o que lhe censuraram certos marxistas, por exemplo); trata-se mesmo do inverso: não há nada de mais concreto do que a resistência entendida como produção de subjetividade, como criação de linguagens, de afetos, de redes, como poder ontológico. É uma formidável criação de ser, mas ela se dá sempre no interior da história, das determinações sociais, econômicas, epistemológicas, políticas que sejam. Em Foucault, a ontologia tornou-se inteiramente imanente, isso é bastante spinozista. Então, quando sua questão insiste nas determinações morais, eu gostaria de dizer que a moral é uma das faces da história, mas não a única. Quando se faz a história dos sistemas de pensamento, como o faz Foucault, se historiciza o discurso da moral como o das ciências humanas ou da medicina, não querendo dizer que isso nos constitui num momento dado. E que é nas malhas dessa constituição, dessa determinação, que será preciso

fazer lentamente formarem-se espaços de liberdade. Isso não quer dizer que a crítica da moralidade deva necessariamente gerar uma teorização da imoralidade ou da amoralidade, isso não teria nenhum sentido.

IHU On-Line - No que se refere à sexualidade, quais seriam os questionamentos mais profundos suscitados por Foucault? De que modo essas idéias oferecem um fundamento para a compreensão da diversidade sexual de nosso século?

Judith Revel - A idéia de Foucault é simples, e, no entanto, ela implica que se mude radicalmente de perspectiva em relação à sexualidade. Em vez de pensar na sexualidade como um domínio de repressão, de obrigação, de interditos morais e/ou sociais, Foucault pergunta: como ocorre que em nosso espaço de pensamento a sexualidade - as práticas sexuais, a escolha sexual - se tenham tornado o fundamento de nossa identidade? Como acontece que nossa relação com o sexo diz o que nós somos? É que as relações de poder construíram a sexualidade como uma espécie de grande campo de identificação, de classificação, de normalização e de distribuição das singularidades. As singularidades - as que coabitam na multidão - amedrontam: é preciso reduzi-las a taxionomias eficazes. A identidade biológica de uma parte (masculino/feminino), as práticas sexuais e a escolha sexual do outro, permitem construir um sistema taxionômico eficaz no contexto dos biopoderes. A “diversidade sexual” não é fazer coisas estranhas e transgressivas. A verdadeira transgressão é reintroduzir liberdade nas malhas da taxionomia: não declarar mais sua identidade sexual, declarar-se “trans-gênico”, recusar deixar-se fechar num sistema de classificação binário (hétero/homossexual/lésbica, homem/mulher etc.). É jogar com as máscaras. É um pouco este sentido que têm hoje as leituras “queer” [excêntricas] de

Foucault nos Estados Unidos. E o que é feito com a sexualidade poderia ser transposto à nacionalidade, à idade etc. Creio que há em Foucault uma crítica muito espantosa das identidades: porque jamais se é *qualquer coisa*, porque não se é apenas um objeto no discurso, as práticas e as estratégias do poder, mas uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria, de variar em relação consigo mesma. Nem *qualquer um*, nem *qualquer coisa*, portanto. Deleuze teria falado de tornar-se subjetividade, tornar-se diferença. E não existe um privilégio da sexualidade em Foucault: ela é um terreno de investigação como qualquer outro, como o foram antes dela a economia dos discursos de saber ou a ciência da polícia. Ela é um espaço de problematização que, por diferenciação, nos obriga a pensar naquilo que nós somos.

IHU On-Line - O mês de maio de 1968, como um evento filosófico da mais alta importância para o futuro histórico do século XX, pode ser também creditado às idéias de Foucault? Em que sentido?

Judith Revel - Eu creio efetivamente que 1968 foi importante porque é um pouco o acontecimento que torna visível a saída da modernidade, a crise das velhas categorias políticas da modernidade. Ao mesmo tempo, 1968 foi extremamente variado conforme os países - mais ou menos precoce, mais ou menos longo... - e talvez seja um pouco redutor falar de 1968 sem entrar em detalhes. Digamos que a relação com a história (sob a forma de uma vontade radical de ruptura) e a relação com a atualidade (sob a forma de uma aspiração a um funcionamento social e político diferente) andaram a par com uma explosão extraordinária de criatividade, de liberdade, de invenção, de experimentação; e que as subjetividades que fizeram 1968 permitiram ver conjuntos de diferenças agenciadas em “comum”, singularidades reunidas em movimento, e não velhas

modalidades de organização política coletivas... A contestação era igualmente produtiva, inventiva. Ela não estava somente encerrada numa relação dialética com o poder. Ela não queria o *poder*, ela queria exprimir seu próprio *poder* livremente. E isso era formidavelmente gostoso. Spinoza diz que, quando há produção de ser, as paixões são alegres... Em todo o caso, é a primeira tentativa de revolução na qual os revolucionários não querem ser um contrapoder, não querem tomar o Palácio de Inverno, mas querem reinventar o mundo. Toni Negri, que foi um dos líderes da contestação na Itália dos anos 1960-1970 e que é um formidável especialista de Spinoza - e um grande leitor de Foucault - diz com freqüência que os homens tentaram transformar a Cidade de Deus em cidade dos homens. Eu creio que ele vê corretamente - e é isso que 1968 nos deixa como herança: uma urgência da liberdade.

IHU On-Line - Pode-se dizer que a filosofia de Foucault exprime as diversas nuances e complexidades da sociedade pós-moderna, numa compreensão vattimiana da ausência de um fundamento (*Grund*) único?

Judith Revel - O que é certo é que há atualmente na Europa e alhures leituras muito divergentes de Foucault: leituras estetizantes, políticas, liberais, de extrema esquerda, identitárias, heideggerianas, desconstrutivistas, relativistas, metafísicas, multitudinárias... E algumas entre elas reinstauram, creio, com base em Foucault, a idéia de uma unidade necessária ao fundamento da comunidade dos homens (por exemplo, segundo a noção de “vida”, que é muito central na segunda metade dos anos 1970). Reinstaura-se um fundamento com um novo vitalismo, um novo naturalismo - nos Estados Unidos, por vezes, com um novo identitarismo... Então, quando você me fala de

Vattimo¹, eu não estou muito convencida: primeiro, porque isso me parece bem velho em relação à atualidade do pensamento de Foucault nos dias atuais, em relação ao mundo tal como ele é hoje, mas também porque em Vattimo, como em todos os outros membros do *pensiero debole* [pensamento débil] italiano (Rovatti, Cacciari, etc.), a crítica da metafísica continua sendo a de Heidegger - ou do Nietzsche de Heidegger - encerrada num pensamento do negativo, incapaz de construir e de inventar ou de experimentar o poder, persuadida de que é a experimentação do desastre que permitirá sair do fechamento. Como se o nihilismo devesse ser necessariamente uma passagem obrigatória. Eu sempre detestei esse apiedar-se de si, essa fascinação pelo negativo, essas “paixões tristes”, diria Spinoza. E, em todo o caso, perguntemo-nos: saiu alguma coisa disso?

“Vattimo tem a tristeza dos pessimistas incuráveis”

Derrida não se deu conta: eu creio que a influência de Heidegger - que é evidente até nos anos 1980 - deixa finalmente seu lugar a uma interrogação política sobre os novos espaços de liberdade possíveis, sobre as experimentações possíveis, sobre uma expressão possível do poder subjetivo - eu penso em *Políticas da amizade*,

¹ Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à *IHU On-Line*. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, e a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a *IHU On-Line* sobre *O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo*. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003 e outro no número 80, de 20-10-2003. A edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación*. Barcelona: Paidós, 1995; *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996; *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998 e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000*. Barcelona: Paidós, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

por exemplo, ou em *Espectros de Marx*. Mas Vattimo... Ele foi um excelente leitor e comentador de Heidegger. Mas o que construiu ele? Em que pertence ele à atualidade de hoje? E que perspectivas abre ele a todos os que procuram resistir à injustiça, a exprimir indignação, a escavar as relações de poder a partir do interior, fazendo surgir possíveis sempre renovados? Vattimo tem a tristeza dos pessimistas incuráveis - e se entende isso, porque ele acabou por aceitar reingressar novamente no sistema da representação política, no parlamento europeu. É um pouco como Kojève, administrador da Comunidade europeia após 1945: após o fim da história, não há mais que fazer senão ser gestor e consagrar-se à cerimônia japonesa do chá...

Para Foucault, no entanto, e para nós que continuamos a trabalhar em seu seguimento, há ainda uma história: a das lutas e do sofrimento dos homens, sem dúvida - porque o sofrimento, a humilhação e a exploração são intoleráveis -, mas também a das novas

experimentações, subjetivas e políticas, criadoras e alegres. Uma ontologia em formação na história, através da história, ao mesmo tempo determinada (porque histórica) e livre (porque resistente). Você sabe, eu amo muito Blaise Pascal¹. Para mim, ler Foucault é um pouco uma história de aposta pascaliana: eu aposto no poder ontológico dos humanos.

***IHU On-Line* - A senhora gostaria de acrescentar algum aspecto não solicitado?**

Judith Revel - Eu creio que a América Latina, hoje, é um formidável laboratório de experimentação deste poder ontológico. Mas isso seria um outro discurso...

¹ **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da *IHU On-Line*)

Nietzsche, Foucault e a loucura como experiência originária

ENTREVISTA COM ROBERTO MACHADO

“Nietzsche é fundamental para se compreender não só a crítica que Foucault fez aos saberes sobre o homem na modernidade, ao que ele chamou, parodiando Kant, de “sono antropológico”, como também sua valorização da literatura como contestação do humanismo das ciências do homem e das filosofias modernas”, mencionou o filósofo Roberto Machado em entrevista exclusiva que concedeu por e-mail à IHU On-Line. E completa que, para Foucault, a loucura, “além de figura histórica, é também e fundamentalmente uma experiência originária, essencial, que a razão, ao invés de descobrir, encobriu, mascarou, dominou, embora não a tenha destruído totalmente, por ela ter-se mostrado perigosa. Essa tese, a meu ver, aproxima Foucault da filosofia de Nietzsche, sobretudo do modo como é formulada em O nascimento da tragédia. Dito em poucas palavras, o objetivo final do primeiro livro de Nietzsche é exatamente denunciar a modernidade como civilização socrática, racional, por seu espírito científico ilimitado, e saudar o renascimento de uma experiência trágica do mundo em algumas das realizações filosóficas e artísticas da própria modernidade que retomam a experiência trágica existente na tragédia grega, mas foi reprimida, sufocada, pelo “socratismo estético”, que subordinara a criação artística à compreensão teórica, racional”.

Machado é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), mestre e doutor pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, com a tese Science et savoir. La trajectoire de l'archéologie de Foucault. Coursou pós-doutorado na Universidade de Paris VIII, na França. É autor de Nietzsche e a verdade. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984; Deleuze e a filosofia. Rio de Janeiro: Graal, 1990; Zarathustra, Tragédia Nietzscheana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997; Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Graal, 2000 e O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Organizou a obra Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 e é um dos autores de Danação da Norma. Medicina Social e A Constituição da Psiquiatria No Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Em 01-04-2004, Machado abriu o evento Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com a palestra Foucault, a filosofia e a literatura.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar como é

possível aproximar o nascimento do trágico de uma história arqueológica baseada em Foucault? Quais seriam os pontos de convergência?

Roberto Machado - Você deve estar referindo-se a meu último livro que acaba de sair pela Jorge Zahar, intitulado *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Efetivamente, concebi esse estudo sobre o trágico como uma arqueologia, quer dizer, como uma análise histórico-filosófica sobre o conceito de trágico, mais ou menos como Foucault havia feito com os conceitos de loucura, de doença, de ciências do homem... Essa proximidade se encontra em eu ter procurado fazer uma análise que privilegiasse o conceito, o sentido conceitual das palavras, atento não só ao momento de seu nascimento, de seu aparecimento, como também a suas transformações no tempo. Assim, penso que as exigências metodológicas que detectei na arqueologia de Foucault – em um livro há muito esgotado e que está sendo republicado, também pela Zahar, com o título *Foucault, a ciência e o saber* –, as exigências de a análise ser conceitual, descontínua e normativa estão presentes nesse meu novo livro. Mas Foucault também está presente nesse livro sobre o trágico na minha decisão de fazer um estudo mais temático do que monográfico. Estou querendo dizer que, embora quando se pensa em trágico se pense em geral em Nietzsche, procurei mostrar que, além de não ser o único a ter pensado o trágico na época moderna, Nietzsche se insere perfeitamente em um projeto que o antecede, na Alemanha, desde o final do século XVIII, e que antes não existia: o projeto de interpretar a tragédia como um documento filosófico que apresenta uma visão trágica do mundo. E, neste sentido, minha admiração pelos trabalhos de Foucault foi em parte responsável pelo desejo que tive de investigar a constituição histórica do pensamento sobre o trágico desde o momento em que ele surge com a modernidade até Nietzsche, filósofo que talvez represente o ápice da

trajetória de todo esse movimento e, ao mesmo tempo, a crítica mais radical do projeto moderno.

IHU On-Line - É possível compararmos o nascimento do logos socrático (apontado por Nietzsche como o advento da morte da tragédia), ao nascimento da psiquiatria e da clínica e o silenciamento da dissonância, da alteridade, por uma pretensa razão universalizante, a do discurso médico-científico?

Roberto Machado - Foucault foi muito marcado por Nietzsche. Essa crítica da razão que você salienta é, por exemplo, bem evidente em seu primeiro estudo, *História da loucura*, livro escrito "sob o sol da grande pesquisa nietzschiana", como diz o seu prefácio. Pois, se Foucault nega que a medicalização ou psicologização da loucura seja o resultado de um progresso que teria levado à descoberta de sua essência, penso que ele pôde fazer isso porque partiu do que, inspirado em Nietzsche, chamou "experiência trágica da loucura", considerando essa experiência como sendo capaz de avaliar as teorias e as práticas históricas sobre a loucura. Quer dizer, para Foucault a loucura, além de figura histórica, é também e fundamentalmente uma experiência originária, essencial, que a razão, ao invés de descobrir, encobriu, mascarou, dominou, embora não a tenha destruído totalmente, por ela ter-se mostrado perigosa. Essa tese, a meu ver, aproxima Foucault da filosofia de Nietzsche, sobretudo do modo como é formulada em *O nascimento da tragédia*. Dito em poucas palavras, o objetivo final do primeiro livro de Nietzsche é exatamente denunciar a modernidade como civilização socrática, racional, por seu espírito científico ilimitado, e saudar o renascimento de uma experiência trágica do mundo em algumas das realizações filosóficas e artísticas da própria modernidade que retomam a experiência trágica existente na tragédia grega, mas foi reprimida, sufocada, pelo "socratismo estético", que subordinara a criação artística à compreensão teórica, racional. Ora, penso

que, assim como o primeiro livro de Nietzsche é a denúncia da racionalização, e portanto da morte, da tragédia a partir da experiência trágica presente nos poetas gregos pré-socráticos, a primeira pesquisa arqueológica de Foucault é a interpretação da história da racionalização da loucura, a partir de seu confronto com uma experiência trágica, que denuncia como encobrimento esse processo histórico que, em sua etapa moderna, define a loucura como doença mental.

IHU On-Line - Quais seriam as principais influências de Nietzsche sobre a obra de Foucault? O método genealógico foucaultiano inspira-se no nietzschiano?

Roberto Machado - Nietzsche foi muito importante para Foucault, como ele lembrou algumas vezes em suas entrevistas. Penso, no entanto, que essa presença de Nietzsche é muito mais acentuada no período arqueológico do que no período genealógico. Evidentemente, o nome genealogia vem de Nietzsche. Em *Vigiar e punir*, e mesmo antes, nas conferências que fez na PUC-Rio, *A verdade e as formas jurídicas*, Foucault justifica essa denominação com base em Nietzsche. Entretanto, quando examinamos o que ele próprio fez com o nome de genealogia, vemos que foi antes de tudo analisar o saber a partir do poder, ou melhor, explicar o aparecimento das ciências do homem na modernidade, considerando-as como elementos de um dispositivo político, como uma peça de relações de poder, o que não é muito bem o que Nietzsche fez. Enquanto suas análises arqueológicas dos saberes modernos, considerados como saberes "antropológicos", foram profundamente inspiradas na crítica nietzschiana do niilismo da modernidade ou na idéia de que a "morte de Deus" de que falava Nietzsche para caracterizar a relatividade dos valores modernos devem ser radicalizadas com uma crítica do humanismo burguês que procurou ocupar o lugar dos valores antes fundados no absoluto. Assim, parece-me que, se foram sobretudo os

aspectos metodológicos do pensamento de Nietzsche que interessaram Foucault na década de 1970, a filosofia de Nietzsche, sobretudo sua crítica do niilismo ou do humanismo da modernidade, influenciou muito mais profundamente a temática filosófica do Foucault arqueólogo, o Foucault dos anos 1960. Além disso, quando Foucault estuda a literatura nessa época, relacionando-a à loucura, à morte e ao ser da linguagem, nota-se que esse privilégio que concedeu a Nietzsche em sua análise crítica das ciências do homem reaparece com a importância que deu aos literatos que introduziram na França um estilo nietzschiano, não-dialético e não-fenomenológico, de pensamento: Bataille, Klossovski, Blanchot¹. Assim, Nietzsche é fundamental para se compreender não só a crítica que Foucault fez aos saberes sobre o homem na modernidade, ao que ele chamou, parodiando Kant, de "sono antropológico", como também sua valorização da literatura como contestação do humanismo das ciências do homem e das filosofias modernas.

IHU On-Line - O que seria a danação da norma? Como ela pode explicar a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil?

Roberto Machado - Os livros de Foucault que mais estudei foram os arqueológicos: *História da loucura*, *Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*. Mas fui marcado profundamente pelo Foucault "genealogista do poder", com seus cursos e seminários no *Collège de France*. Logo que o conheci, ele deu um curso sobre o poder psiquiátrico, que era uma retomada, de um modo diferente, da *História da Loucura*, e fez também um seminário com filósofos, historiadores, sociólogos sobre a perícia médico-legal, que era uma continuação da

¹ Maurice Blanchot (1907-2003): Filósofo, romancista e crítico literário francês, autor de *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, *Pena de morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1991 e *El paso (no) más allá*. Barcelona: Paidós, 1994. (Nota da IHU On-Line)

pesquisa sobre Pierre Rivière, que em seguida virou livro. Foi, sem dúvida, inspirado nas idéias de Foucault na década de 1970 que escrevi, em equipe, um livro chamado *Danação da Norma*, que procurava relacionar as teorias e as práticas da medicina social e da psiquiatria, desde o seu nascimento no século XIX, com a questão do poder no Brasil. O objetivo dessa pesquisa foi situar a medicina brasileira do século XIX no âmbito das transformações econômicas e políticas que modificarão o Rio de Janeiro depois de 1808 e integrarão ainda mais o Brasil na nova ordem capitalista internacional. Notamos que, nesse contexto, a medicina tem um objetivo claro: combater a desordem social, o perigo decorrente da não-planificação da distribuição e do funcionamento da cidade. Isto é, a partir de então, a medicina começa a se interessar por tudo o que diz respeito ao social, torna-se peça integrante da nova estratégia política de controle dos indivíduos e da população. A nova racionalidade dessa medicina vai pouco a pouco - não sem lutas e obstáculos - impregnar o aparelho de Estado e se interessar por instituições como a escola, o quartel, a prisão, o bordel, a fábrica, o hospital, o hospício...

Hospital, “máquina de curar”

Por exemplo, sua política em relação ao hospital é clara: dominar o perigo que grassa no seu interior. E para isso não basta expulsar o hospital do centro da cidade; é necessário transformar o seu espaço e funcionamento, destruindo a falta de higiene, o aglomerado humano, a promiscuidade, o vício, o ócio que estão inscritos em seu próprio corpo, para capacitá-lo a realizar a cura. O hospital é um operador terapêutico, uma “máquina de curar”.

Procuramos nesse livro analisar sobretudo um outro exemplo, pois essa mesma política leva, em 1841, à criação, no Rio de Janeiro - no local onde hoje funciona um dos campus da Universidade Federal -, do primeiro hospital psiquiátrico brasileiro. Resultado de uma crítica

higiênica e disciplinar às instituições de reclusão, o Hospício de Pedro II significou a possibilidade de inserir, como doente mental, uma população que se começa a perceber como desviante nos objetivos da medicina social nascente. Como? Realizando os seguintes objetivos: isolar o louco da sociedade; organizar o espaço interno da instituição, possibilitando uma distribuição regular e ordenada dos doentes; vigiá-los em todos os momentos e em todos os lugares, por meio de uma “pirâmide de olhares” composta por médicos, enfermeiros, serventes...; distribuir seu tempo, submetendo-os à realidade do trabalho como principal norma terapêutica. Assim, por sua estrutura e funcionamento, o hospital psiquiátrico deve ser um operador de transformação dos indivíduos: deve agir sobre os que abriga, atingir seu corpo, modificar o comportamento. Em suma, é uma nova máquina de poder, resultado de uma luta médica e política que impõe, cada vez com mais peso, a presença normalizadora da medicina como uma das características essenciais da sociedade capitalista. Também procuramos mostrar que o hospital psiquiátrico não está isento de críticas, e até mesmo que elas o acompanham desde a sua origem: críticas à sua organização arquitetônica, à subordinação do médico ao pessoal religioso, à ignorância ou maldade dos enfermeiros, ao processo de internação, à falta de uma lei nacional de alienados e de um serviço de assistência organizado pelo Estado. Pareceu-nos, inclusive, que essas críticas são importantíssimas para fazer pensar não só no fracasso real da psiquiatria como instância terapêutica, mas principalmente na exigência de medicalização cada vez maior do espaço social que ela representa.

Medicalização da sociedade

Assim, embora sendo uma pesquisa histórica, situada no século XIX, *Danação da norma*, nisso também inspirado no papel político que Foucault desempenhou,

procurava chamar atenção para dois pontos: por um lado, se a medicina mental apresenta a cura como sua aquisição científica, até hoje nunca deixou de reconhecer o seu lado negro: só se entra no hospício para não sair ou, na melhor das hipóteses, para logo depois voltar. Por outro lado, essa reconhecida incapacidade terapêutica, longe de pôr em questão a própria psiquiatria, serve de apoio a uma exigência de maior

medicalização da sociedade. Faz a psiquiatria refinar seus conceitos para atingir novas faixas da população - numa evolução que vai do doente mental ao anormal e do anormal ao próprio normal -, tornando a sociedade uma espécie de asilo sem fronteiras, um asilo ilimitado. Por tudo o que disse, você pode ver como Foucault foi e continua sendo importante para o que fiz e continuo fazendo no campo da filosofia.

As contribuições de Foucault à educação

ENTREVISTA COM SILVIO GALLO

Professor da Faculdade de Educação, no Departamento de Filosofia e História da Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o filósofo Sílvio Gallo afirmou na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line que Foucault pode nos auxiliar “a pensar a educação e a escola pelo menos em três dimensões: a construção do saber pedagógico na dimensão científica; as relações de poder no espaço escolar, permeado pelo disciplinamento e pelo controle; as relações do sujeito consigo mesmo, numa dimensão ética”. E completa: “Aplicar os conceitos foucaultianos ao campo educacional é produzir uma espécie de estranhamento, de deslocamento dos discursos e teorias com os quais estamos acostumados. Esse estranhamento faz a educação repensar-se, na medida em que suas bases já não podem ser sustentadas”.

Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Gallo é mestre em Educação pela Unicamp com a dissertação Educação anarquista: por uma pedagogia do risco, e doutor na mesma área com a tese Autoridade e a construção da liberdade: o paradigma anarquista em educação. No momento, coordena os projetos de pesquisa Filosofias da diferença e educação: suas interfaces, suas implicações, suas interferências e A Filosofia no Ensino Médio Brasileiro: aspectos conceituais e didáticos, levantamento, catalogação e análise de fontes. Organizou as obras Educação do Preconceito - ensaios sobre poder e resistência. Campinas: Editora Alínea, 2004 e A Formação de Professores na Sociedade do Conhecimento. Bauru: EDUSC, 2004 e escreveu Pedagogia do risco. Experiências anarquistas em educação. Campinas: Papyrus, 1995; Educação anarquista: um paradigma para hoje. Piracicaba: Unimpe, 1995; Anarquismo: uma introdução filosófica e política. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.



IHU On-Line - O que é uma educação anarquista?

Como Foucault auxilia a fundamentar essa concepção?

Sílvio Gallo - As propostas em torno de uma educação anarquista, também conhecida como pedagogia libertária, começaram a surgir em meados do século XIX, no contexto do movimento operário europeu. Os socialistas, de forma geral, e particularmente os anarquistas, denunciavam as precárias condições de formação e ensino dos trabalhadores e de seus filhos. Denunciavam que os sistemas públicos de ensino, financiados pelos impostos pagos por toda a população, eram tomados pelos governos como instrumentos ideológicos, oferecendo uma escola para os ricos e uma outra escola para os pobres, mantendo-os em condições subumanas. E passaram então a fazer propostas de construção de escolas que operassem com um processo educativo voltado para a formação ampla e digna dos trabalhadores, como instrumento de sua emancipação. Neste contexto, foi criado o conceito de “educação integral”, por Paul Robin¹, que o colocaria em prática no Orfanato Prévoist, em Cempuis, França, durante os 14 anos que o dirigiu (1880-1894). Depois de Robin, várias experiências anarquistas foram feitas no campo da educação e o conceito foi se firmando, assim como as práticas pedagógicas libertárias.

Já na segunda metade do século XX, Foucault nos ajudou a desvendar os mecanismos de conformação da escola moderna, como instituição disciplinar. Com base no referencial foucaultiano, podemos perceber as críticas anarquistas do século XIX como críticas a essa escola moderna, produzida, sustentada e disseminada pelo sistema capitalista. E podemos ler as experiências libertárias como tentativas de construção de uma outra escola, de outras práticas pedagógicas.

¹ Paul Robin (1837-1912): pedagogo, representante da pedagogia libertária do século XIX, por ter sido o primeiro a conseguir trabalhar as diversas questões educacionais e teóricas que vinham sendo discutidas nos meios socialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - De que forma a filosofia de Foucault pode nos auxiliar a repensar os rumos da educação brasileira?

Sílvio Gallo - Foucault nos ajuda a pensar a educação e a escola pelo menos em três dimensões: a construção do saber pedagógico na dimensão científica; as relações de poder no espaço escolar, permeado pelo disciplinamento e pelo controle; as relações do sujeito consigo mesmo, numa dimensão ética. Aplicar os conceitos foucaultianos ao campo educacional é produzir uma espécie de estranhamento, de deslocamento dos discursos e teorias com os quais estamos acostumados. Esse estranhamento faz a educação repensar-se, na medida em que suas bases já não podem ser sustentadas.

IHU On-Line - Como definiria a filosofia da diferença e de que forma essa filosofia em Foucault, especificamente, pode servir como base para uma educação libertadora e que respeita a alteridade?

Sílvio Gallo - Definir, em filosofia, é sempre um empreendimento complicado. Dar definições que sejam simples, rápidas e claras, então, nem se diga. O que posso dizer sobre a “filosofia da diferença”? Talvez que seja um empreendimento filosófico do século XX, desenvolvido sob a inspiração de Nietzsche. No ramo francês, com pensadores como Deleuze², Derrida e Foucault, trata-se de uma filosofia que procura se desenvolver fora da dimensão platonista do pensamento

² Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês, vinculado aos denominados movimentos pós-estruturalistas, categorizações que o próprio Deleuze questionava pelo que trazem, ainda, da visão e luta pelo idêntico. Suas teorias acerca da diferença e da singularidade nos desafiam a pensar em temas como rizoma, ontologia da experiência, a teoria do que fazemos, a virtualidade e a atualidade. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da *IHU On-Line*)

ocidental, focando a multiplicidade e não a unidade. Assim, a diferença é tematizada em si mesma e não como uma diferença em relação ao outro, que no final das contas remete sempre ao mesmo.

Falar em educação libertadora e respeito à alteridade, a partir de Foucault, parece-me difícil. Se a escola moderna é uma instituição disciplinar e normalizadora, ela é um processo de subjetivação; como falar, então, em libertação? Isso só pode ser pensado num processo de trabalho do sujeito sobre si mesmo, numa espécie de “educação de si” da qual já falava Nietzsche e que Foucault reencontra em seus últimos escritos, quanto foca o tema do cuidado de si nos textos antigos, gregos e latinos. Mas uma tal “libertação” não tem como ser absoluta, posto que não há um sujeito universal. Se o sujeito é sempre construído no contexto social e histórico, uma tal “libertação” dá-se de forma situada, num determinado contexto, com base no qual o sujeito pode educar-se a si mesmo. A pergunta é: a escola pode ser espaço para isso? Eis um dos desafios que nos deixa Foucault. Quanto à alteridade, ela não está para ser “respeitada”. A alteridade está aí, é uma das constituidoras da diferença e o que podemos tentar construir, em educação, são práticas de convívio no dissenso, na diferença, em meio aos outros. Qualquer forma de “respeito” ao outro desliza para uma espécie de “tolerância”, que nada tem de vivência na e da diferença...

IHU On-Line - Poderia explicar como realiza a aproximação de Nietzsche a Foucault e Deleuze e quais são suas contribuições desses pensadores para o campo educacional, tanto na prática do ensino quanto na formação de educadores?

Sílvio Gallo - Foucault e Deleuze foram muito influenciados por Nietzsche, e penso não ser um exagero afirmar que os dois franceses foram, cada um à sua maneira, os continuadores das provocações

nietzscheanas; ou melhor, que eles tomaram a sério essas provocações, procurando equacioná-las. O filósofo alemão insistia, no século dezenove, na produção de um conhecimento “encarnado”, um pensamento produzido pelo corpo, um saber alegre e capaz de dançar, para além da suposta sisudez científica; investia em processos de autoformação, defendendo uma “educação de si”, para além de todo o ensino massificado das escolas oficiais; desafiava os filósofos a atentarem para a multiplicidade, para a produção de um saber perspectivo; traçava a genealogia dos valores, mostrando que eles são historicamente produzidos, e que toda moral é terrena. Ora, cada um, à sua maneira, Deleuze e Foucault são continuadores dessas provocações e desafios, tentando levá-los adiante.

No campo da educação, os três têm muito a contribuir, seja para a crítica da educação moderna, que se construiu como processo de subjetivação massificante e serializado, seja para pensar as possibilidades de processos educativos singulares, outras práticas de ensinar e de aprender que nos possibilitem a construção de uma outra escola, ou mesmo a prática de ações pedagógicas para além de qualquer escola. Apenas para dar um exemplo, Deleuze separa os atos de ensino dos atos de aprendizagem, afirmando ser possível controlar os primeiros, mas jamais os últimos (*ver Diferença e Repetição*); isso joga por terra todo o aparato de controle que são os processos avaliativos numa escola tomada como instituição disciplinar. Possui, portanto, um caráter altamente revolucionário para a educação do presente.

IHU On-Line - Como o conceito de exclusão permeia o ensino de nossos dias?

Sílvio Gallo - Penso que, no Brasil, hoje, o que permeia o ensino é muito mais o conceito de inclusão que o de exclusão, posto que a inclusão tem sido a tônica das políticas públicas para a educação na última década.

Entretanto, a exclusão continua presente, não como conceito, mas como prática. Nossa educação continua altamente excludente, quando garante o acesso de muito mais gente à escola, mas não consegue alfabetizar, de fato, um grande contingente. Nietzsche já fez essa crítica ao ensino alemão de seu tempo, quando a democratização do acesso à escola significava uma espécie de “diluição” da formação cultural. O desafio é poder disponibilizar a todos um ensino de qualidade. Enquanto não formos capazes disso, continuaremos tendo uma escola excludente. O mesmo diz respeito às diversas políticas inclusivas: para negros e índios, para pobres, para os chamados “portadores de necessidades especiais”. Na maioria das vezes, as políticas inclusivas significam mais exclusão; mas esse é um tema complexo demais para tratar em poucas linhas.

IHU On-Line - Acredita que os dispositivos disciplinares e a produção do discurso nas escolas e universidades têm se esmaecido ou apenas mudaram a roupagem?

Sílvio Gallo - Penso que não esmaeceram. Na maioria dos casos, o que temos visto é uma adaptação a outros tempos e a outras necessidades. Durante o regime militar, nossas escolas foram fortemente disciplinadoras; acho natural que, no processo de redemocratização, tenhamos tido uma espécie de “afrouxamento” daquele tipo de disciplina mais visivelmente autoritária, embora outros métodos fossem florescendo. Por sua vez, Foucault afirmava que transitávamos das sociedades disciplinares para sociedades em que se tornava hegemônica uma outra tecnologia de poder, o biopoder,

mais voltada para o controle dos grupos e populações do que para o disciplinamento dos corpos dos indivíduos. Deleuze chamou-as de “sociedades de controle”.

As escolas com sistemas internos de televisão, ou mesmo aquelas em que os pais podem, através da Internet, visualizar a sala de aula de seus filhos, são exemplos dessa nova realidade, que deverá consolidar-se nos próximos anos. Numa outra direção, estão as políticas públicas para a educação, que traçam diretrizes e rumos, controlando os macroprocessos, em lugar de voltar-se para a disciplina física.

IHU On-Line - Em que medida é possível aproximar a vontade de verdade como sistema de exclusão ao conjunto de práticas pedagógicas?

Sílvio Gallo - A vontade de verdade constitui-se num jogo de poder, na medida em que a aceitação social de uma certa “verdade” significa a exclusão, a negação de outras. Ser detentor de uma verdade é ser detentor de um poder, portanto. No campo educacional, essa vontade de verdade fundamenta um processo educativo disciplinar, no qual os alunos devem submeter-se ao professor, como aquele que possui a verdade em torno do ensinar e do aprender. E o professor faz esse jogo, tendo como instrumento os processos avaliativos, por meio dos quais ele pode tanto classificar os estudantes, separando os que aprendem mais, os que aprendem menos, os que não aprendem, usando da punição como forma de manter o controle disciplinar sobre cada aluno e sobre todo o grupo. É essa vontade de verdade que exclui da escola aquele que supostamente não sabe, porque não quis ou não pôde entrar no jogo.

Foucault e a questão da crítica em torno da biopolítica

ENTREVISTA COM ALEXANDRE FILORDI DE CARVALHO

No artigo a seguir, o doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Alexandre Filordi de Carvalho, afirma que “a arte de não ser governado é o ponto de ancoragem fundamental para uma crítica que, ao indagar pelos limites do direito de governar, no caso da biopolítica, de gerir a vida dos indivíduos na dimensão da população, não somente questiona a base da certitude da autoridade que governo, mas também, face às exigências do governo e da obediência, “se opõe aos direitos universais e irrevogáveis com o qual cada governo - não importando ser, não importando que ele tenha o papel de monarca, magistrado, educador ou pai de família - terá de submeter quem é governado”. Essas idéias são originárias da comunicação que Filordi apresentou no XII Encontro Nacional de Filosofia da Anpof, em Salvador, em 26-10-2006, sob o título Michel Foucault e a questão da crítica. Graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (SPS), em Campinas, e em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Filordi é especialista em Psicoterapia Familiar e de Casal pelo Centro de Formação e Assistência à Saúde (CEFAS) e um dos integrantes do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), ligado ao Departamento de Filosofia da USP.



Em uma conferência realizada por Foucault em 1978, intitulada *Qu'est-ce que la critique. Critique e Aufklärung*, por sua vez, situada no eixo das pesquisas que privilegiaram, de um modo geral, os aspectos da população e governamentalidade, o filósofo argumenta que, desde os séculos XV e XVI, houve uma explosão da arte de governar o homem¹. Desde uma série de deslocamentos de fontes religiosas que impeliram os processos de laicização na direção da expansão da sociedade civil até a proliferação da arte de governar cuja culminação pode ser representada pela biopolítica. De fato, cumpre ver que desde então a questão fundamental em como governar perpassou pelo governo de “crianças, exércitos, pobres e mendigos, família, casa, diferentes grupos, cidades, estados”², enfim. Toda série possível atinente às artes de governar se multiplica capilarmente na história do Ocidente.

Sob este cenário, a crítica vai exercer, em primeiríssima mão, uma função interventora de limite diante dos excessos de governo e condução, que atingem amplas esferas da existência, da vida abstraída nos processos massificadores que passam a ser administrados no formato de população, que é a prospecção mais profunda do poder sujeitador. O que acontece toda vez que obedecemos? O que é ativado? O que está em jogo? Diante disso, a crítica, para Foucault, “é necessária, pois tem como papel definir as condições pelas quais o uso da razão é legítimo para determinar o que se pode conhecer, o que é preciso fazer, e o que é permitido

¹ Utilizamos, aqui, a versão da conferência vertida para o inglês por Kevin Paul Geiman: *What is critique?* O texto encontra-se na seguinte obra: *What is Enlightenment? Eighteenth-Century answers and Twentieth-Century Questions*. Editado por James Schmidt. Califórnia: University of California Press, 1997, 382-398p. Trata-se de um texto inédito, não publicado nos *Dits et Écrits*, cuja versão original encontra-se no *Bulletin de la Société française de Philosophie* 84 (1990): 35-63. (Nota do autor)

² *Ibidem*, p.384. (Nota do autor)

esperar”³; mais ainda, é “um instrumento, um meio para um futuro ou uma verdade que ela não saberá e não será, ela é um olhar sobre um domínio no qual quer apresentar os limites, no qual ela não é capaz de se tornar a lei”⁴. Parece-nos que o que está em jogo é a tentativa de se buscar transformar as relações possíveis que são estabelecidas numa perspectiva de poder, pois a crítica torna-se um meio para *um* futuro, ou seja, dirige-se a um vir-a-ser. Há nela um jogo de forças que pretende transgredir o presente, o tempo já estabelecido, pois se somos governados no presente, e não há como negá-lo, ainda não o somos na totalidade dos acontecimentos que ainda estão por vir, que estão em construção. Como não ser, então, governado em *um* futuro na mesma perspectiva do que somos neste presente? A indagação, segundo Foucault, é característica própria da força crítica, o que significa dilatar uma espécie de contraforça de ação restritiva: “como não ser governado *como isto*, por isto, em nome destes princípios, na perspectiva de tais objetivos e por meio de tais métodos, não como isto, não por isto, não por eles”⁵.

É evidente, contudo, que a crítica não visa a uma oposição total e generalizada, um tipo de revolta abstrata contra toda forma de governamentalização, que consiste no efeito da multiplicidade das artes de governar; mesmo porque Michel Foucault se distancia de toda tentativa de universalização de um processo de consciência política. É mais na direção de uma oposição contrapontual, marcada pela força microparticular do indivíduo que se esforça para se desprejar da abstração populacional, cada um à sua maneira de mudar, já que nada é mais arrogante do que querer fazer a lei para os

³ FOUCAULT, M. *Qu'est-ce que les Lumières? Dits et Écrits IV*, n. 339, 1984, p.567. (Nota do autor)

⁴ *What is critique?* p. 383. (Nota do autor)

⁵ *Ibidem*, p.384. (Nota do autor)

outros¹, que a questão se coloca na dimensão da arte de não ser muito governado, de não querer *isto*. Atentemos às palavras de Foucault: “contra isto, como contraponto, ou em vez de parceiro ou adversário das artes de governo, como modo de suspeitar delas, de mudá-las, limitá-las, de encontrar suas medidas certas, de transformá-las, de procurar escapar destas artes de governar ou, de qualquer modo, deslocá-las, com uma relutância essencial, mas também ao modo de uma linha de desenvolvimento das artes de governar [...] que eu simplesmente chamaria de a arte de não ser governado, ou a arte de não ser governado como isto, a este preço”².

A arte de não ser governado é o ponto de ancoragem fundamental para uma crítica que, ao indagar pelos limites do direito de governar, no caso da biopolítica, de gerir a vida dos indivíduos na dimensão da população, não somente questiona a base da certitude da autoridade que governa, mas também, face às exigências do governo e da obediência, “se opõe aos direitos universais e irrevogáveis com o qual cada governo - não importando ser, não importando que ele tenha o papel de monarca, magistrado, educador ou pai de família - terá de submeter”³ quem é governado.

Posto isso, não é difícil de entendermos que a crítica deverá se desdobrar numa ação afirmativa, ou positiva, que fará circular nos espaços produzidos pelas estratégias de não querer ser governado em momentos de modificação móveis, inaugurando uma nova experiência com a governamentalização. Trata-se, nesta dimensão, não de um engajamento, mas de um campo de experiência que Foucault nomeia de insubmissão

¹ Conforme exposto em *Pour une morale de l'inconfort. Dits et Écrit*, III, n. 266, 1979, p.783 ss. (Nota do autor)

² FOUCAULT, M. *What is critique?* p.384 (Nota do autor)

³ *Ibidem*, p.385. (Nota do autor)

voluntária. Somos quase incitados a vermos uma representação de força que, respeitadas as margens históricas e contextuais dos eixos do poder político, pretende fazer emergir experiências contrárias a de uma *servidão voluntária*⁴. Talvez esteja nisso a eficácia da biopolítica, ou seja, ao ativar inúmeras forças que contigenciam a vida dos indivíduos, acaba referenciando a norma como proximidade de comportamento e exemplo: distribui “os vivos em um domínio de valor e utilidade”, donde será necessário que as artes de governo se valham de um poder que, se tem por tarefa se encarregar da vida, “terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos”⁵. Assim, as investidas sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, a sexualidade, enfim, uma série de espaços da existência têm de ser administrado como se aparentemente não o fosse de modo racionalizado, quer dizer, como se todo processo fizesse parte de uma verdade que simplesmente ativa um curso histórico natural.

Insubmissão voluntária e reflexão indócil

Mas se a crítica exerce uma insubmissão voluntária, todo ato e processo de governo, outrora visto como natural, fragmenta-se, pois não é justificado por nenhuma voluntariedade. Valendo-nos da argumentação de Michel Foucault:

se a governamentalização é realmente o movimento relacionado à sujeição individual na realidade de uma prática social por mecanismos de poder que apelam para a verdade, eu direi que a crítica é o movimento para o

⁴ Embora desnecessário, gostaríamos somente de deixar claro que nos referimos a Étienne de la Boétie na obra *Discurso da servidão voluntária*. (Nota do autor)

⁵ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, p.135. (Nota do autor)

qual o sujeito dá a si mesmo o direito de questionar a verdade concernente aos efeitos de poder e questionar o poder referente aos discursos de poder. Crítica será a arte da insubmissão voluntária, da reflexão indócil¹.

É preciso notar que o par insubmissão voluntária e reflexão indócil não visa somente aos processos de condução e à administração da vida, evidenciando uma disposição antagônica a qualquer processo de docilização ou domesticação, que tem por base a distribuição de justificativas próprias em elementos racionais, calculados, tecnicamente eficientes. Mas além disso, a crítica, como insubmissão voluntária e reflexão indócil, pretende minar as tecnologias de governo cujas bases se dispõem nos poderes de homogeneidade que, na história do Ocidente, conforme a interpretação de Foucault, valeu-se de um “poder que mostrou seu aspecto ‘pastoral’, as variações de uma atenção constante ao ‘governo de si’, a esta ‘*direção da consciência*’, que é a ‘arte de governar os homens’”². A biopolítica, sem dúvida, é devedora deste longo percurso que começou a preparar os corpos individuais para receberem bem disciplinarmente, docilmente, as forças dissipadoras capazes de reunir, submeter, ajustar, obrigar, controlar.

Neste horizonte, valendo-nos do comentário de Judith Butler³, “a crítica tem, portanto, uma dupla tarefa, aquela de mostrar como o saber e o poder trabalham, constituindo uma maneira mais ou menos sistemática de

¹ FOUCAULT, M. *What is critique?* p. 386. (Nota do autor)

² FIMIANI, Mariapaola. *Foucault et Kant. Critique, clinique, éthique*, p.22. (Nota do autor)

³ Judith Butler: filósofa americana pós-estruturalista, que tem contribuído há muitos anos para os estudos do feminismo, da teoria queer, da filosofia política e da ética. É professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparativa da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Butler concedeu entrevista exclusiva à edição 199 da *IHU On-Line*, de 09-10-2006, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

agenciar o mundo”, de governá-lo, acrescentaríamos nós, “segundo as próprias ‘condições de aceitabilidade de um sistema’, mas também uma maneira de ‘seguir as linhas de ruptura que marcam sua emergência’”⁴. Ora, é justamente esta linha de ruptura, interseccionada pela arte de não ser governado, a insubmissão voluntária e a reflexão indócil, que marca a crítica como terceira função, a saber, o que Foucault denominou de atitude crítica.

Ao referir-se “a uma certa maneira de pensar, de falar e de agir, e uma certa relação para o que existe, para o que se sabe, se faz, bem como para uma relação social, cultural”⁵, Foucault está delineando, de modo geral, os contornos da atitude crítica. A reativação desta atitude, sob esta ótica, diz respeito a um permanente modo de ser histórico que se caracteriza como crítica permanente ao nosso ser histórico. Numa interpretação original da questão kantiana da *Aufklärung*, Michel Foucault ressalta a importância de se problematizar a nossa relação com o presente, com a constituição histórica daquilo que nos tornamos ou somos, a fim de afirmarmos, em suas palavras, o “princípio de uma crítica e de uma criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia”⁶.

Assim, atitude crítica e criação se interligam na constituição de um campo de forças que atua como estratégia para não sermos governados totalmente e viabilizarmos, de fato, a reflexão indócil e a insubmissão voluntária como formas de nos relacionar com o presente, sem descartar as conseqüências futuras, pois, assim, criticar é criar. Esta força criativa desdobra-se em duas perspectivas que, par e passo, dão azo à atitude

⁴ BUTLER, Judith. *Qu’est-ce que la critique? Essai sur la vertu selon Foucault*, p.94. (Nota do autor)

⁵ FOUCAULT, M. *What is critique?* p.382. (Nota do autor)

⁶ FOUCAULT, M. *Qu’est-ce que les Lumières. Dits et Écrits IV*, n. 339, 1984, p.573. (Nota do autor)

crítica. São elas, a atitude limite e a atitude experimental.

Se a biopolítica, consignada ao biopoder, vale-se de uma série de tecnologias para colocar a vida dentro de determinadas fronteiras, quer seja por equivalência, quer seja por distinção, a atitude limite não trata de rejeitar a vida em suas múltiplas possibilidades ou de forçar-se uma escapatória, como alternativa, de um dentro ou fora dos limites estabelecidos. A atitude limite quer abusar das fronteiras; ela mesma se coloca na fronteira do que já é empreendido pelos processos de governamentalização e do que pode vir-a-ser. Quer dizer, atitude aqui é a postura criativa que força a emergência de determinados limites, pois “no que nos é dado como universal, necessário, obrigatório, qual é a parte do que é singular, contingente e que é derivado de constrangimentos arbitrários”¹, que pode nos levar a outras atitudes em nosso fazer, pensar e dizer? Em outros termos, e na expressão de Foucault, “trata-se em suma de transformar a crítica exercida na forma da limitação necessária em uma crítica prática na forma de uma transposição possível”². Mas se há uma pretensão, por parte da atitude crítica, de se criar uma transposição possível às formas de governamentalidade ou de tecnologias de poder, ela não pode abrir mão de um componente fundamental que foi e é alvo de toda biopolitização: a liberdade. O que Foucault denominou de trabalho indefinido da liberdade encontra o seu sentido na expressão da atitude experimental.

É claro que a biopolítica é forma racionalizada de empregar-se um certo número de tecnologias a fim de contingenciar a vida dos humanos em certos campos experimentais: o que se pode ou não fazer, o que se deve ou não fazer com a saúde, a vida, a família, a

¹ Ibidem, p.574. (Nota do autor)

² Ibidem, p.574. (Nota do autor)

sexualidade, a morte, para nos valermos de alguns exemplos. Entretanto, vistos da dimensão da atitude experimental, estes processos de sujeição são deslocados na direção de um eixo cujas experiências se colocam como “prova da realidade e da atualidade, por sua vez, para empreender os pontos onde a mudança é possível e desejável e para determinar a forma precisa em que ocorrerá esta mudança”³. Para tanto, Foucault diz que é necessária a elaboração de uma ontologia histórica de nós mesmos, poderíamos dizer, de uma ontologia que se radicaliza contra toda determinação e administração do *ser*. Trata-se, nesta direção, de nos desviarmos “de todos os projetos que pretendem ser globais e radicais”, ou ainda, dos “programas de conjunto de uma sociedade”⁴; por evidência, trata-se de nos desviarmos dos limites constritores da biopolitização. Então, a atitude experimental prefere as transformações precisas que, segundo Foucault, podem muito bem ter lugar num certo “número de domínios concernentes ao nosso modo de ser e pensar as relações de autoridade, as relações de sexualidade, o modo pelo qual percebemos a loucura ou a doença”⁵. Enfim, tal atitude, como crítica, interroga os limites que nos são colocados e persegue a prova de como os seus ultrapassamentos são possíveis na criação de processos históricos de dessujeição.

De fato ainda persistimos numa história cuja característica proeminente é a de uma sujeição que não terminou de se completar, aliás, avança-se por intermédio dos refinamentos das técnicas e tecnologias de poder cuja testemunha mais viva e eficaz é a biopolítica. Contudo, cremos que a crítica nas três perspectivas que aqui tentamos desenvolver, como a arte de não ser governado; o par insubmissão voluntária e reflexão indócil; e, finalmente, como questão de

³ Ibidem, p.574. (Nota do autor)

⁴ Ibidem, p.575. (Nota do autor)

⁵ Ibidem, p.575. (Nota do autor)

atitude, poderá, no mínimo, nos impelir na direção de uma outra história, que também não tem a pretensão de se ver acabada: a história de uma subjetividade criativa e aberta ou dos processos de dessujeição. Afinal, se “a história dos homens é a longa sucessão dos sinônimos de um mesmo vocábulo. Contradizê-la é um dever”¹.

Referências

BUTLER, Judith. *Qu'est-ce que la critique? Essai sur la vertu selon Foucault*. In: GRANJON, Marie-Christine (org.). *Penser avec Michel Foucault: théorie critique et pratiques politiques*. Paris: Karthala, 2005.

¹ A citação é do poeta francês René Char (cf. DAVIDSON, Arnold. I. *Les gouvernement de soi et des autres*. In: *Michel Foucault. Philosophie antologie*. Paris: Gallimard/Folio, 2004, p.664. (Nota do autor)

DAVIDSON, Arnold. I. *Les gouvernement de soi et des autres*. In: *Michel Foucault. Philosophie antologie*. Paris: Gallimard/Folio, 2004.

FIMIANI, Mariapaola. *Foucault et Kant. Critique, clinique, éthique*. Paris: L'Harmattan, 1998.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Gallimard Seuil, 2004.

_____. *Dits et Écrits III*. Paris: Gallimard Seuil, 1994.

_____. *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard Seuil, 1994.

_____. *What is critique?* In: SCHMIDT, James (org.)

What is Enlightenment? Eighteenth-Century answers and Twentieth-Century Questions. California: University of California Press, 1997.



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Terra Habitável

A editoria Terra habitável reproduz sínteses de artigos e entrevistas sobre o ambiente e o clima no Planeta Terra, que foram publicadas na última semana nas Notícias Diárias da página do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Emissão de CO² cresce no planeta

Apesar dos esforços, as emissões de dióxido de carbono (CO₂) atingiram um índice altíssimo em 2004. O protocolo de Quioto prevê que os países ricos diminuam em média 5,2% de suas emissões, mas isso não acontece. Os países desenvolvidos terão de implementar políticas

mais eficientes para a redução do gás', afirmou Yvo de Boer, secretário executivo da ONU para mudanças climáticas. Confira este artigo no sítio do IHU nas Notícias Diárias do dia 30 de outubro.

Desertificação no Brasil atinge mais de 20 milhões de pessoas

O ano de 2006 foi declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional dos Desertos e da Desertificação (IYDD). A desertificação brasileira atinge, portanto, mais de 20 milhões de pessoas. O governo federal lançou o Programa de Ação

Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN-Brasil), reunindo propostas para resolver o problema. Confira este artigo na íntegra no sítio do IHU nas Notícias Diárias do dia 31 de outubro.

O alerta global.

ENTREVISTA COM O ECONOMISTA NICHOLAS STERN

Medir o impacto do aquecimento global na economia mundial é a tarefa do inglês Nicholas Stern. Ele produziu o relatório "Estudo Stern", onde discorre sobre os prejuízos econômicos no mundo com o aquecimento

global, que chegam à cifra monumental dos 7 trilhões de dólares, e faz um alerta urgente: "É preciso agir agora". Confira a entrevista na íntegra nas Notícias Diárias do dia 05 de novembro no sítio do IHU.

Filmes da semana

Uma verdade inconveniente

O FILME A SEGUIR, EM CARTAZ NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, FOI VISTO E APRECIADO POR UM COLEGA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (IHU).

Nome original: An Inconvenient Truth

Cor filmagem: Colorida

Origem: EUA

Ano produção: 2006

Gênero: Documentário

Duração: 100 min

Classificação: livre

Sinopse: O ex-presidente americano Al Gore dá uma palestra, ricamente ilustrada com fotos, imagens e gráficos, sobre o preocupante aumento da temperatura em todas as partes da Terra, que é causada pela derrubada de florestas e emissão de poluentes. E ensina também o que fazer para reverter o perigoso fenômeno.

Al Gore e sua verdade inconveniente

A ESTRÉIA DO DOCUMENTÁRIO SOBRE AQUECIMENTO GLOBAL

Luiz Carlos Merten comenta no jornal Estado de S. Paulo, 3-11-2006, o documentário Uma verdade inconveniente. Eis o artigo:

Para que ficcionalizar, se a verdade consegue ser tão impactante - além de inconveniente? Nos últimos anos, o cinema tem patrocinado fantasias científicas para discutir o futuro da Terra, ameaçada pela destruição ambiental que corrói o meio ambiente e ameaça nosso futuro. O alemão Roland Emmerich¹, sempre apolítico - Independence Day e Godzilla -, fez O Dia depois de

¹ Roland Emmerich (1955): produtor de filmes, diretor e escritor alemão. Entre outros, escreveu, dirigiu e produziu *The day after tomorrow* (2004). (Nota da *IHU On-Line*)

amanhã, sobre as mudanças climáticas. Esqueça a má ficção daquele filme e preocupe-se com a dura realidade que é revelada por Uma verdade inconveniente o documentário de David Guggenheim que estreia hoje nos cinemas de Porto Alegre e outras capitais.

É um filme de terror travestido de documentário. Seu forte não é o aspecto cinematográfico e você até chegará facilmente à conclusão de que já viu documentários mais ousados - e melhores. Dificilmente terá visto outro tão assustador. Quem comanda o show é

Al Gore¹, deputado, senador e vice-presidente dos EUA, nos dois mandatos de Bill Clinton. Ele concorreu à presidência com George W. Bush e, até hoje, Spike Lee sustenta que Bush filho só se elegeu graças à fraude patrocinada por seu irmão, que governava a Flórida, e criou aquele caso com eleitores negros, que foram impedidos de votar em distritos que teriam dado a vitória a Gore no Colégio Eleitoral. Gore perdeu a eleição, deixou de ser presidente dos EUA e o mundo talvez fosse outro, se ele hoje presidisse os EUA.

Gore perdeu a presidência, mas não a militância. Antes mesmo de ser o vice-presidente de Clinton ele já percorria os EUA (e o mundo) dando palestras sobre os riscos do aquecimento global. Antigamente, e não faz muito tempo, o rombo da camada de ozônio era o grande vilão da ecologia, ameaçando com a destruição da vida na Terra. Foram criadas políticas públicas (e ambientais) para enfrentar o problema. O risco agora é outro - o aquecimento. O desmatamento, a poluição ambiental e outros procedimentos típicos do desprezo humano pela natureza estão provocando o aquecimento acelerado da Terra. Previsões que eram apocalípticas para o final do século agora já projetam para décadas antes o risco que

¹ Al Gore: Confira no site do IHU, editoria *Notícias Diárias*, o comentário de Luiz Carlos Merten, sobre o documentário *Uma verdade inconveniente*, publicado em 03-11-2006. Em 13-10-2006, reproduzimos uma entrevista com Al Gore intitulada *Este homem quer conter as lágrimas do Kilimanjaro*, também nas *Notícias Diárias*. O Blog do IHU repercutiu, igualmente, o documentário de Gore. Acesse nossa página, www.unisinos.br/ihu, e confira. (Nota da *IHU On-Line*)

o degelo pode representar para países (e grandes cidades) do planeta.

Em Cannes, em maio, onde *Uma Verdade Inconveniente* ganhou uma sessão especial (de gala), Al Gore vestiu-se de black-tie para duas conferências. Uma é a do filme, que recorre a gráficos, fotos e, naturalmente, ao magnetismo pessoal e ao poder de persuasão do político para nos dar conta do risco que corremos. A outra foi a da coletiva concorridíssima que Gore deu, reforçando aquilo que, por ventura, não tivesse ficado claro no filme de Guggenheim (mas é claro). Ele une duas características, o didatismo e o humor, para nos levar à reflexão com dados científicos que são, cada vez mais, irrefutáveis.

Num certo sentido, pode-se fazer uma ponte entre *Fahrenheit - 11 de Setembro* e *Uma Verdade Inconveniente*. Como Michael Moore em seu documentário sobre o ataque ao World Trade Center, que discute a ligação da família do presidente George W. Bush com a de Osama Bin Laden e a utilização política que ele fez do combate ao terrorismo, Guggenheim e Gore também procuram ser críticos do atual ocupante da Casa Branca. Moore manipula mais para alcançar seus objetivos, mas a verdade, assustadora mais do que inconveniente, é que o mundo que Guggenheim e Gore mostram simplesmente não tem futuro, pelo menos para a Terra, como a conhecemos."

Outros comentários sobre o filme

Por Mario “Fanaticc” Abbade, 01-11-2006 na página www.omelete.com.br

O filme abre com Gore falando para um auditório apoiado por projeções, *slides* e vídeos. Até o humor se faz presente com um pequeno curta de Matt Groening, criador dos *Simpsons*. Ao mesmo tempo, o acompanhamos em aeroportos, dentro do carro e quartos de hotel, representando que a sua cruzada tem sido pelo mundo e não só nos Estados Unidos. Chega a ser surpreendente vê-lo articulado, inteligente, entendido e apaixonado sobre o assunto. Bem diferente do monossilábico e atrapalhado candidato a presidência do passado. Ele consegue explicar o problema de forma clara e simples, usando citações de Mark Twain e Upton Sinclair. Ele emprega gráficos com mapas de estatísticas atmosféricas sobre milhões de anos lado a lado com fotografias da Patagônia, do Kilimanjaro, dos Alpes e da Antártida, entre outros locais, para revelar o impacto produzido pelo homem durante anos no meio ambiente. Chega a mostrar a diferença do que foi noticiado pelos veículos de mídia norte-americanos e os cientistas sobre as causas do Furacão Katrina. Fica evidente que o *lobby* protagonizado por certos grupos poderosos influencia os meios de comunicação.

Parte biográfico, o filme também mostra que Gore foi introduzido no assunto quando ainda era universitário, durante uma palestra de Roger Revelle, um professor de Harvard. Revelle foi um dos pioneiros na medição de dióxido de carbono na atmosfera. A família de Gore, que plantava tabaco, também foi uma influência. Ele revela

que o falecimento de sua irmã por câncer de pulmão provocou uma mudança na utilização do solo de suas fazendas. Outro fator importante foi a quase morte de seu filho num acidente de carro. Através dessas tragédias pessoais, o filme ganha um lado humano. E com esses elementos fica mais fácil acontecer uma identificação da epístola com os espectadores. Essa conscientização gera uma reflexão: parte do problema poderia ser evitado, se aplicássemos uma série de mudanças em nossos hábitos diários.

Mesmo assim, o cineasta Davis Guggenheim, um veterano da TV (dirigiu episódios de *24 Horas* e *The Shield*), não cai nas armadilhas do patriotismo. Ele utiliza um tom ingênuo para dar ritmo ao filme. Inevitavelmente o tema da corrida presidencial de 2000 chega. Nessa hora, Guggenheim acelera o máximo possível com uma montagem de clipes e alguns comentários pouco eloqüentes de Gore. Um outro ponto negativo é uma certa aura de *superstar* criada em torno do documentado. Como também incomoda o estilo didático da produção, orientado para converter. Mas vale dizer que Gore não queria fazer o filme e precisou ser persuadido para participar do projeto. Foi convencido pela importância da mensagem, até porque somos ao mesmo tempo os vilões e as vítimas dessa história.

O Ano Em Que Meus Pais Saíram De Férias

O FILME A SEGUIR, EM CARTAZ NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, FOI VISTO E APRECIADO POR UM COLEGA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (IHU).

Nome original: O Ano Em Que Meus Pais Saíram De Férias

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano produção: 2006

Gênero: Drama

Classificação: livre

Sinopse: Mauro é um menino de 12 anos, fã de futebol, que espera com ansiedade o início da Copa mundial de futebol em 1970, onde o país espera tornar-se tricampeão. Pouco antes disso, no entanto, seus pais precisam esconder-se, por causa de problemas políticos, em plena ditadura militar. O menino é deixado na casa do avô, mas ele morre. Sozinho, ele descobre o mundo do Bom Retiro, dos judeus e a amizade com as meninas.

O Ano Em Que Meus Pais Saíram De Férias

Neusa Barbosa comenta no site www.cineweb.com.br, 31-10-2006, o filme O Ano em que meus pais saíram de férias. Eis o artigo:

O criador da série e do longa Castelo Rá-Tim-Bum, Cao Hamburger, confirma a estréia talentosa e realiza aqui um pungente retrato da geração que nasceu no final dos anos 50, começo dos 60, no Brasil. Uma geração que viveu a ditadura ainda na infância e só pôde votar diretamente para a presidência do País em 1989, quando entrava nos 30 anos.

O ano da história é 1970. O menino Mauro (Michel Joelsas) tem 12 anos, adora futebol e só pensa na Copa do Mundo do México, em que o Brasil tem tudo para ser tricampeão (como acabou acontecendo). Seus pais (Simone Spoladore e Eduardo Moreira), no entanto, tem problemas mais graves a tratar - são militantes políticos de esquerda e precisam rapidamente sumir de

circulação, para evitar as prisões e torturas que aconteciam naquele período, o auge da ditadura militar, governo do general Emílio Garrastazu Médici¹.

Para todos os efeitos, os pais “saem de férias”. E deixam o garoto na porta do prédio de apartamentos do Bom Retiro, em São Paulo, onde mora o avô, Mótél (Paulo Autran). Mas, por uma terrível coincidência, o avô acaba de morrer. O menino é, então, acolhido pelo

¹ Emílio Garrastazu Médici (1905-1985): militar e político brasileiro. Exerceu as funções de adido militar em Washington e de chefe do Serviço Nacional de Informações. Vagando-se a presidência da República (1969), em consequência de enfermidade do presidente Costa e Silva, foi eleito pelo Congresso Nacional para ocupar esse cargo, com mandato até 1974. (Nota da *IHU On-Line*)

vizinho, Schlomo (Germano Haint). Passa-se um ano em que Mauro terá oportunidade de ser apresentado à tradição judaica, que seu pai deixou de lado, e também terá algumas amigas - a maior delas com Hanna (Daniela Piepszyk), garota esperta que joga futebol no time do bairro, em que Mauro se tornará o goleiro.

Alguns poderão notar semelhanças deste filme com o moderno cinema sul-americano e isso não é mera coincidência. A história de O Ano em que meus pais saíram de férias remete com certeza a títulos recentes

como o argentino Kamchatka, de Marcelo Piñeyro¹, e ao chileno Machuca, de Andrés Wood. E o filme brasileiro sai-se muito bem nesta comparação.

¹ **Marcelo Piñeyro**: diretor argentino. O site do IHU, www.unisinos.br/ihu, publicou em 06-10-2006, editoria *Notícias diárias*, uma reportagem de Elaine Guerini sobre o filme *O que você faria?*, dirigido por Piñero. (Nota da *IHU On-Line*)

Destaques On-Line

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS PRODUZIDAS PELO SITE DO IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas Notícias Diárias do sítio, na data correspondente.

Título: A rebelião de Oaxaca. O México dos pobres contra o México dos ricos.

Entrevistada: Martha Nélide Ruiz Uribe

Entrevista: Martha Nélide Ruiz Uribe fala em entrevista à *IHU On-Line* sobre a sociedade mexicana, eleições, o jovem mexicano e a relação entre Estados Unidos e México “Hoje, existe na internet um jogo de matar mexicanos, que é um vídeo game com o qual as crianças norte-americanas brincam. Nesse jogo, aparece a fronteira e como se pode atravessá-la: nadando ou cruzando a montanha. E ali aparece como se pode matar os mexicanos, e vai somando pontos. Se se está atravessando o deserto e é uma mulher grávida que está cruzando, ganha bônus porque está matando dois ao mesmo tempo”, analisa Nélide Ruiz. Martha é socióloga,

poeta e escritora mexicana. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 30-10-2006.

Título: Antônio Ruiz de Montoya. Um defensor da liberdade guarani.

Entrevistado: Jurandir Coronado Aguilar

Entrevista: Jurandir Coronado Aguilar fala em entrevista à *IHU On-Line* sobre o padre Antônio Ruiz de Montoya, que foi um grande missionário da Companhia de Jesus na América do Sul. “A história dos acontecimentos da evangelização, a memória conservada nos escritos e documentos dos protagonistas desta história, e a mensagem que se perpetuou desta experiência missionária, propiciou uma produção literária em que transparece como exigência evangélica num tempo determinado, a história de uma experiência missionária

significativa com resultados importantes para a atualidade da missão”, avalia Aguilar. Coronado é bacharel em Filosofia e Teologia. Confira na íntegra nas Notícias Diárias da página do IHU no dia 31-10-2006.

Título: Decretar o fim da Era Palocci foi precipitado.

Entrevistada: Isabel Lustosa

Entrevista: Isabel Lustosa fala em entrevista à *IHU On-Line* sobre a reeleição de Luís Inácio Lula da Silva, o papel da esquerda, oposição, e o Brasil que sai das urnas este ano. “Eu acho que não há clima, pelo menos nos primeiros tempos, principalmente com essa votação expressiva do Lula, para uma atitude violenta da oposição. Houve uma reação muito grande da opinião pública contra a maneira como a grande imprensa se conduziu na cobertura dessa campanha”, avalia a historiadora. Isabel é Bacharel em Ciências Sociais pelo IFCS/UFRJ, Mestre em Ciência Política e Doutora em Ciência Política pelo IUPERJ. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 1-11-2006.

Título: Crescimento econômico via ajuste ortodoxo ou heterodoxo? Eis a questão.

Entrevistado: Marcio Pochmann

Entrevista: Marcio Pochmann fala em entrevista à *IHU On-Line* sobre a reeleição de Luís Inácio Lula da Silva,

economia brasileira e equipe econômica. “Não tenho dúvida que esta campanha de segundo turno exigiu do presidente Lula traçar um conjunto de diálogos e acordos com governadores eleitos e candidatos. Tenho certeza que Lula tem agora uma base política consolidada que lhe permite fazer ações mais precisas e ousadas do que aquelas que ele conseguiu reunir a partir do resultado das eleições de 2002”, ressalta o economista. Márcio Pochmann é professor do Instituto de Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 2-11-2006.

Título: “Mídia imparcial não existe”

Entrevistado: Gilberto Maringoni

Entrevista: “Jornalistas e donos de empresas de comunicação expressam suas opiniões em tudo o que fazem, desde a apuração e redação de matérias até a edição de uma página”, é o que diz o jornalista Gilberto Maringoni, em entrevista à *IHU On-Line*. Maringoni é jornalista, editor de política do site Carta Maior e doutor em História Social pela USP. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 3-11-2006.

Deu nos jornais

SÍNTESE DE ENTREVISTAS E ARTIGOS VEICULADOS PELA PÁGINA DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) NA ÚLTIMA SEMANA

Nesta semana publicamos um debate sobre as **eleições nicaragüenses** discutindo a questão da ética a partir da esquerda. Veja os artigos de **François Houtart** e **Mônica Baltodano** nas *Notícias Diárias* do dia 4 de novembro. Confira também a repercussão entre nossos leitores no blog do IHU.

Publicamos também uma entrevista com **Richard Dawkins**, biólogo evolucionista, autor de livros fulgurantes como *O gene egoísta*, a respeito de sua nova obra *Viver sem Deus*. Confira nas *Notícias Diárias* do dia 4 de novembro no sítio do IHU.

Mudar o mundo sem tomar o poder? Sim, mas como? É o tema da entrevista com **John Holloway**, pensador marxista, estudioso do zapatismo e dos movimentos sociais. Confira a entrevista completa nas *Notícias Diárias* do dia 31 de outubro no sítio do IHU.

Confira também a entrevista com **Washington Novaes** sob a opção para o Brasil da energia Nuclear nas *Notícias Diárias* do dia 28 de outubro, no sítio do IHU.

Frases da semana

A surra

“Bornhausen disse que gostaria de acabar com a raça do PT, mas pelo jeito eles esqueceram de procriar, porque o PFL foi praticamente extinto” - **Doutor Rosinha**, deputado federal - PT-PR - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

“Que surra espetacular levou o PFL, levado à lona no primeiro turno e nocauteado no segundo turno” - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

Era Palocci x Desenvolvimentismo

“Não teve era Palocci, como não tem era Guido Mantega. A política econômica do nosso governo era determinada pelo governo e, sobretudo, por mim. Nada era feito sem que passasse pela discussão comigo” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

“Volto a afirmar que o nome do meu segundo mandato será desenvolvimento” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 1-11-2006.

“O presidente Meirelles é um homem da política do Lula, é um homem do Lula” - **Fernando Pimentel**, prefeito de Belo Horizonte - PT - *Estado de S. Paulo*, 2-11-2006.

“Guido Mantega, um ministro da Fazenda que não faz parte (raridade!) do circuito Febraban-Wall Street-Washington, está sob fogo cerrado. O lobby financeiro vai tentar preservar o controle do Banco Central e, se possível, recuperar o Ministério da Fazenda. Conseguirá? Não acredito. Se o governo tiver um mínimo de firmeza e

clareza de propósitos, a turma da bufunfa ficará a ver navios” - **Paulo Nogueira Batista Jr.**, economista - *Folha de S. Paulo*, 2-11-2006.

“Desenvolvimentismo tem que deixar de ser palavrão” - **José Serra**, governador eleito de São Paulo - PSDB - *O Globo*, 2-11-2006.

Lula e a Doutrina Social da Igreja

“Continuaremos governar o Brasil para todos, mas dando preferência aos mais pobres” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 30-10-2006.

“Lula é profundamente identificado com as grandes propostas cristãs” - **D. Cláudio Hummes**, recém-nomeado prefeito da Congregação do Clero - *blog de Paulo Henrique Amorim*, 3-11-2006.

“Lula realmente se deixa orientar pelos grandes princípios da doutrina social da Igreja” - **D. Cláudio Hummes**, recém-nomeado prefeito da Congregação do Clero - *blog de Paulo Henrique Amorim*, 3-11-2006.

“A política econômica se mantém conservadora, neoliberal. Mas são positivas as políticas sociais, externa, energética, educação e a repressão aos crimes de ‘colarinho branco’” - **Frei Betto**, ex-assessor de Lula - *Clarín*, 30-10-2006.

As verdades de Lembo

“Estamos vendo o fim do ciclo biológico das oligarquias nascidas com o regime militar. Já tínhamos vivido o fim político, com a democratização. Agora estamos no fim biológico”. - **Cláudio Lembo**, prefeito de São Paulo - PFL

- *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

“O Geraldo chegou até onde chegou por méritos próprios. Não teve ajuda de ninguém. Nem minha” - **Cláudio Lembo**, prefeito de São Paulo - PFL - *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

“(Geraldo Alckmin) era o bom moço que toda sogra queria como genro. Mas depois daquele debate (o primeiro com Lula, na TV Bandeirantes), em que foi muito agressivo, virou um genro como outro qualquer. Minha impressão é que, num determinado momento, Geraldo não sabia mais o que era” - **Cláudio Lembo**, prefeito de São Paulo - PFL - *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

“Lula não tem nenhum projeto radical de mudança. É um sobrevivente do povo brasileiro. Lula é a busca da raiz. Por isso tem tantos votos” - **Cláudio Lembo**, prefeito de São Paulo - PFL - *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

“Lula não tem tendência a ditador. É um operário de chão de fábrica, conhece a vida de verdade. É um pequeno burguês, apenas isso” - **Cláudio Lembo**, prefeito de São Paulo - PFL - *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

“A burguesia toda vai para o governo, se o Lula convidar. A burguesia faz tudo, desde que seja para sua preservação. Por isso é que sempre acaba vitoriosa. Não perde uma desde 1789. E quando perde, logo se recupera” - **Cláudio Lembo**, prefeito de São Paulo - PFL - *Estado de S. Paulo*, 31-10-2006.

Mídia e política

“A mídia perdeu o sentimento de solidariedade com o povo. No meu tempo os jornais eram solidários com o povo brasileiro. Hoje os jornais são solidários com os banqueiros brasileiros. A verdade é essa. Não são só os jornais não. Eu vou ser mais duro: são os jornalistas. Poucos jornalistas conseguem manter um sentimento de solidariedade com o povo brasileiro” - **Mauro Santayana**, jornalista - *Conversa Afiada, blog de Paulo Henrique Amorim*, 31-10-2006.

“Não me eximo de responsabilidade, mas quero dizer que considero vocês, a mídia, culpados por boa parte dos problemas. Não há mais consciência crítica. Vivemos um mundo em que as relações comerciais predominam sobre as humanas” - **Dustin Hoffman**, cineasta - *Estado de S. Paulo*, 1-11-2006.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Eventos

O Paradoxo de Zenão Quântico

II CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: UM DIÁLOGO DESDE A FILOSOFIA

O Paradoxo de Zenão Quântico é o assunto que o Prof. Dr. Fernando Haas, da Unisinos, debate nesta edição do II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia. Anote e participe: é nesta quarta-feira, dia 08-11-2006, às 17h30min, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Confira as opiniões do físico sobre o tema, numa entrevista bem-humorada, na qual ele explica que esse Paradoxo é “o efeito pelo qual um sistema físico instável, se for monitorado com uma frequência suficientemente alta, permanece no seu estado de origem”.

Haas é graduado, mestre e doutor em Física pela UFRGS. Sua tese leva o título Sistemas de Ermakov Generalizados, Simetrias e Invariantes Exatos. É pós-doutor pela Universidade Henri Poincaré, na França. É autor de Computação algébrica e simetrias de Lie. Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada, 2001. Suas contribuições mais recentes à IHU On-Line foram dadas na edição 198, de 02-10-2006, com as entrevistas Explicar a vida: desafio da Física, a respeito da palestra A contingência e o acaso nas Ciências da Vida e na Física, dentro da programação do II Ciclo de Estudos Desafios da Física, e com o IHU Repórter, que traçou seu perfil. Ambas entrevistas estão disponíveis para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Movimento, uma mera ilusão dos sentidos?

ENTREVISTA COM FERNANDO HAAS

IHU On-Line - O que é o Paradoxo de Zenão Quântico? Quem o descreveu e quando? E por que o Paradoxo recebe esse nome?

Fernando Haas - Paradoxo de Zenão Quântico: aí está um nome que eventualmente pode espantar qualquer um. Entretanto, este é o título que a comunidade de físicos tem dado ao fenômeno e foi melhor mantê-lo.

Antes de tudo, vejamos o que é o Paradoxo de Zenão. Zenão de Eléia¹, filósofo pré-socrático, sugeriu uma série

¹ Zenão de Eléia (495 a. C. - 430 a. C.): filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi discípulo de Parmênides e defendeu de modo apaixonado a filosofia do mestre. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Deste modo, não pretendia refutar diretamente as teses que combatia, mas sim mostrar os absurdos daquelas teses (e, portanto, sua falsidade). Acredita-se que Zenão tenha criado cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a

de obstáculos à pretensa realidade do movimento. Para os iniciados, o estudo do movimento, a chamada cinemática, costuma ser o início de qualquer curso de física ou engenharia. Pois bem, Zenão argumentava que o movimento não existiria de fato, sendo uma mera ilusão dos sentidos. Portanto, a cinemática seria apenas uma brincadeira de tolos, satisfeitos com fazer conexões entre objetos (posição, velocidade, aceleração) fantasmagóricos, sem realidade efetiva. Que feliz que ficaria a maioria dos alunos se Zenão tivesse sido bem sucedido em exterminar a cinemática! O único problema é que se o movimento não existisse provavelmente uma boa parcela da ciência (toda a Física, por exemplo) deixaria de fazer sentido. O que seria da Física sem o movimento? E o que seria dos alunos, sem a Física? Hummm...

Para ser mais preciso, vejamos uma das formulações do Paradoxo de Zenão. Suponha que você queira percorrer uma certa distância. Antes de percorrer esta distância completa, é necessário percorrer a metade dela. Além disso, para percorrer a metade da distância total, é preciso percorrer a metade desta metade. Prosseguindo com o argumento *ad infinitum*, chega-se à conclusão de que jamais a distância total poderia ser percorrida. Seria impossível sair do lugar. Este é o Paradoxo de Zenão clássico, no sentido de se referir às noções de trajetória e movimento da física clássica.

“Quibes quânticos”

Já o Paradoxo de Zenão Quântico foi sugerido pelo grande Schrödinger¹, um dos heróis da mecânica quântica, em 1935. Mais recentemente, em 1977, os físicos indianos Misra e Sudarshan aprofundaram

divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a escola eleática). (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Erwin Rudolf Josef Alexander Schrödinger (1887-1961): físico austríaco, um dos pais da teoria quântica. (Nota da *IHU On-Line*)

significativamente a idéia. Desde então, alguma atenção tem sido dedicada ao assunto, do ponto de vista teórico e experimental. Do que trata o Paradoxo de Zenão Quântico? Grosso modo, é o efeito pelo qual um sistema físico instável, se for monitorado com uma frequência suficientemente alta, permanece no seu estado de origem. Uma analogia seria a seguinte: se um cozinheiro abrir repetidamente o forno para ver qual o estado da sua carne, esta deixará de assar. Esta analogia vem do fato de que neste exato instante estou preocupado com o estado dos quibes que deixei no forno. Deixe-me ver como os amigos estão e já volto para a próxima frase... Hummm! Voltei! Os quibes estão uma delícia. Isso porque não são quibes quânticos. Caso contrário, uma mordida, e pronto: se esfumariam, a sua função de onda colapsaria para, quem sabe, um quibe queimado. Que fome!

O nome que a comunidade escolheu tem a ver com o fato de que, no paradoxo de Zenão, estamos continuamente monitorando o movimento. Uma flecha, antes de percorrer a distância que deve percorrer, percorre a metade desta distância e assim por diante. Se a flecha fosse deixada tranqüila, facilmente executaria a trajetória que dela se espera. Entretanto, sempre há de haver um filósofo para bisbilhotar a pobre flecha. De modo semelhante, ao observarmos de modo insistente um sistema quântico, como um núcleo radioativo, por exemplo, inibimos o seu decaimento. Este é o Paradoxo de Zenão Quântico.

***IHU On-Line* - Existem aplicações práticas do Paradoxo de Zenão Quântico ou elas são verificáveis teoricamente e assim auxiliam na compreensão de fenômenos físicos indiretamente?**

Fernando Haas - O entendimento detalhado do Paradoxo de Zenão Quântico eventualmente pode ajudar na implementação prática dos computadores quânticos,

os quais atualmente não chegam a ter o poder de cálculo que a teoria sugere. A maior dificuldade dos computadores quânticos é a sua alta instabilidade a perturbações externas. Um efeito (o Paradoxo de Zenão Quântico) que inibe o desenvolvimento de instabilidades pode ser de grande ajuda. A computação quântica, se passar do plano acadêmico para o social, ou até empresarial, é capaz de revolucionar a sociedade e nossa visão de mundo. Filósofos, físicos e gente que quer ganhar dinheiro (grandes corporações como IBM e AT&T) fazem suas apostas na computação quântica. Maiores detalhes estão descritos em [Fernando Haas, *Computação Quântica - Desafios para o Século XXI*. Cadernos IHU Idéias, nº 53, de 2006, disponível no sítio do IHU]. De modo mais fundamental, a natureza do que se chama observação, por parte de um ser consciente ou de um aparelho de medição em laboratório, é posta em cheque pelo Paradoxo de Zenão Quântico. Sem dúvida, a mecânica quântica é a teoria física em que há mais controvérsia sobre o processo de medida (observação).

IHU On-Line - Quais são as ligações do Paradoxo com a Filosofia? O que justifica estudar essa proposição no II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI?

Fernando Haas - Assim como movimento (o qual implica alguma definição de espaço e tempo), energia e matéria estão entre os pilares da Física, o debate entre subjetivistas e realistas está no cerne da Filosofia. Portanto, nada mais justo do que considerar um tema que está intimamente ligado aos dois campos, já que o

Paradoxo de Zenão Quântico leva em conta a natureza do movimento e da realidade. Como sempre, a crítica filosófica auxilia a Física a progredir, e os avanços da Física fecundam a Filosofia. Que prato cheio para os filósofos, um efeito onde o monitoramento externo inibe a evolução ao longo do tempo! Ou seja, um inusitado fenômeno envolvendo a interação entre observador e observado. É por aí que se desenvolve o Paradoxo de Zenão Quântico.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Fernando Haas - Espero que alguns físicos inteligentes percam o pudor, ou a caretice, e se debrucem seriamente sobre questões como a natureza da consciência, o papel da mente na evolução temporal do que nos cerca e de nós mesmos, a interação entre observador e observado. É fácil seguir a tática “Maria vai com as outras”, dedicando a vida profissional a atacar apenas problemas tradicionais, descartando como misticismo ou picaretagem qualquer iniciativa diferente. O vasto mundo está aí à nossa volta, clamando por explicações. O grande desafio é matematizar, quantificar processos tão sutis como a emergência da consciência. Acredito que sejamos um tanto amadores nestes assuntos, mas de algum lugar devemos começar. A Física sem a Matemática facilmente pode virar charlatanismo. Portanto, mãos à obra antes que seja tarde.

Nacionalizar para globalizar: a construção de um Brasil exótico na moda de vestir nacional

IHU IDÉIAS

O IHU Idéias desta semana, marcado para 09-11-2006, tem como tema a palestra Nacionalizar para globalizar: a construção de um Brasil exótico na moda de vestir nacional. A palestrante é a antropóloga MS Débora Krischke Leitão, doutoranda em Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O assunto é parte da pesquisa desenvolvida por Débora no doutorado com a tese Brasilidades à moda da casa, e a respeito dele a pesquisadora concedeu a entrevista que segue, avaliando a influência da corrente francesa na moda brasileira. Débora constata que, a partir da segunda metade do século XX, aconteceu uma modificação nesse aspecto, “não só pela emergência desses novos centros produtores, mas igualmente pelo nascimento do desejo de criar uma moda nacional”.

Débora é graduada e mestre em Antropologia pela UFRGS. É pesquisadora associada do Institut d’Histoire du temps Présent (CNRS, Paris) e do NUCE, da UFRGS e autora de Antropologia & Consumo: diálogos entre Brasil e Argentina. Porto Alegre: AGE, 2006, que foi lançado e autografado em 04-11-2006 na Feira do Livro, em Porto Alegre. Débora também tem sua pesquisa publicada no Cadernos IHU Idéias n° 16 com o tema Mudança de Significado da Tatuagem Contemporânea.

Uma moda com cara de Brasil

ENTREVISTA COM DÉBORA KRISCHKE LEITÃO

IHU On-Line - Quais são as peculiaridades da moda de vestir brasileira? Antropologicamente haveria uma relação entre a formação social brasileira e o vestuário aqui desenvolvido?

Débora Krischke Leitão - Nossa moda de vestir, historicamente, esteve muito influenciada pela França.

Ao longo do século XX, essas influências aparecem de formas diversas, pendendo algumas vezes mais para as imitações, outras para adaptações. Até Gilberto Freyre¹,

¹ Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do

em seu livro *Modos de Homem e Modas de Mulher*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997 comenta sobre a (às vezes excessivamente) fiel inspiração francesa dos hábitos de vestir brasileiros. Ainda que após a Segunda Guerra Mundial tenha acontecido uma descentralização no campo da moda, e a França tenha perdido um pouco de sua hegemonia, com o surgimento de novos centros produtores como Milão e Nova Iorque, a influência francesa é inegável. E ela é visível, por exemplo, nos francesismos utilizados no cotidiano, assim como na imprensa de moda, para o campo semântico relacionado à roupa: tipos de tecidos, cores, tendências de moda, ou mesmo situações sociais que envolvem o vestuário. E não é apenas na área da moda que a influência cultural francesa infiltra-se por aqui, sendo igualmente forte no campo das artes e mesmo em nosso pensamento social. Vale lembrar que muito disso tem início com a “missão artística francesa” trazida ao Rio de Janeiro por Dom João VI, supostamente civilizadora e pedagógica. Não resta dúvida de que, a partir da metade do século XX, essa influência foi modificada, não só pela emergência desses novos centros produtores, mas igualmente pelo nascimento do desejo de criar uma moda nacional.

IHU On-Line - Há um tipo autenticamente brasileiro de vestir? Como se apresentam as diferenças regionais nesse aspecto e como o elemento exótico se mostra presente nas criações nacionais?

Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional *La Madoninna*, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil*. Algumas Considerações. (Nota da *IHU On-Line*)

Débora Krischke Leitão - Autenticidade é uma palavra um tanto controversa aos olhos da Antropologia. O que procuro compreender em meu trabalho é justamente a utilização que se faz, contemporaneamente e através de nossa moda de vestir, dos estereótipos sobre o Brasil, sobre os tipos regionais, e o que é definido (sempre de forma arbitrária) pelo discurso da moda, e da alta moda em particular, como “brasileiro” e “autêntico”. Como meu trabalho está centrado na produção e no consumo dessa moda contemporânea, procuro desconstruir, historicizar e contextualizar esses discursos de autenticidade, muito mais do que endossá-los.

IHU On-Line - Nossa moda ajuda a consolidar uma imagem de Brasil no exterior? Por quê? Que imagem seria essa?

Débora Krischke Leitão - Sim, a promoção de nossa moda no exterior colabora para divulgar imagens do Brasil lá fora. A moda, compreendida como indústria cultural, é lugar privilegiado de produção e de veiculação de sentidos, idéias e valores. E, fazendo ela também parte do cotidiano, do dia-a-dia, essa sua capacidade de promover idéias é ainda mais forte. O caso que estudei foi justamente a divulgação de nossa moda na França, lugar que historicamente tem sido visto como legítimo e hegemônico nesse campo. Como estamos trabalhando com representações presentes no mercado e no consumo, essa imagem é freqüentemente positivada. No caso por mim analisado, ela é exotizada. Convém lembrar que o exotismo, ao contrário do racismo, é uma forma de relação com o outro que confere a esse outro qualidades e traços positivos. Ele mantém, entretanto, a relação de alteridade e de distância. Se o Brasil divulgado lá fora mostra uma produção valorizada, bonita e consumível, ele também é visto como um outro

distante, exótico, por vezes primitivo. Além da alteridade, também se mantém a hierarquia. Ao que parece essa estratégia, no campo da moda, funciona bem nesse momento, mas ela mantém certos estereótipos que nem sempre podem ser bons, úteis ou justos no que diz respeito a uma imagem mais geral do Brasil.

IHU On-Line - Como a moda brasileira se apresenta no mercado internacional? Quais são os nichos que permanecem inexplorados e quais são aqueles em que já temos presença marcante?

Débora Krischke Leitão - Quantitativamente, nossas exportações no setor têxtil não são tão expressivas quanto parecem. Parece ter acontecido, há alguns (poucos) anos, uma opção por parte dos produtores e distribuidores de moda no País de investir menos em quantidade (e conseqüentemente preço baixo) e mais em qualidade, marca, design, agregando valor aos produtos divulgados no exterior. Essa mudança nos tira do lugar de concorrência com outros produtores, por exemplo, os asiáticos, cujos preços não podíamos alcançar. Assim, há o investimento em divulgação de produtos de luxo, de nossa alta moda, que se torna interessante lá fora não pelo preço baixo, e sim pelo fato de ser brasileira. A procedência brasileira, colada às imagens de exotismo, originalidade, sensualidade, por exemplo, passa a ser sublinhada e publicizada como estratégia de venda. Divulgamos nossa moda principalmente para a Europa, mas também para os Estados Unidos. Na Europa, essas qualidades que são atualmente atribuídas à moda brasileira funcionam muito bem, pois encontram respaldo em algumas tendências e valores mais gerais, como as modas étnicas e éticas.

IHU On-Line - Em linhas gerais, como se apresenta a indústria de vestuário nacional? Quais foram seus principais avanços nos últimos anos?

Débora Krischke Leitão - Em meados dos anos 1980, na moda brasileira, iniciou-se um momento de busca por profissionalização e por independência. Até bem pouco tempo, entretanto, essa busca deu-se pelo esforço em internacionalizar nossa moda. Investimos em produção autoral, independente, e brasileira, mas tudo isso procurando ao máximo neutralizar qualquer conteúdo que remetesse ao nacional, ao Brasil. Ainda que produzida no Brasil, ela procurava deixar de lado a adjetivação concernente à origem, mostrando-se o mais internacional e moderna possível. Nos últimos anos há uma modificação nessa postura. Passa-se a utilizar, em nossa moda, conteúdos e inspirações claramente nacionais. Nos grandes eventos de moda que aconteceram em 2004 e 2005, por mim observados, quando de minha pesquisa de campo, há uma presença hiperbólica de Brasil nas coleções apresentadas. Nas revistas especializadas, essa presença é reforçada, uma vez que as imagens e os discursos escolhidos para figurar como emblemáticos da nossa produção de moda daquele momento são justamente os mais expressivos quanto ao nacional.

IHU On-Line - Qual sua opinião a respeito da importância de eventos como o São Paulo Fashion Week? Nessa mesma linha, que eventos de menor porte seriam importantes para a consolidação da moda de vestir nacional?

Débora Krischke Leitão - Acredito que no Brasil o gosto do público geral pela moda vem crescendo. Muito dele é herdeiro de um momento particular que vivemos, nos anos 1970, quando a multinacional francesa Rhodia organizava e patrocinava no País grandes espetáculos-desfiles de moda que eram pela primeira vez abertos, com a participação do público. Antes disso os eventos de moda eram verdadeiros chás de senhoras endinheiradas,

fechados, reservados para uma elite, e acontecendo em hotéis e clubes de luxo. Atualmente os grandes eventos como o SPFW mobilizam multidões. As pessoas brigam por um convite, infiltram, fazem de tudo para estar ali e fazer parte daquele mundo. Isso se dá muito, porque, a exemplo desses eventos dos anos 1970 que citei, os atuais optam por convidar muitas celebridades midiáticas, que fazem parte do imaginário da população em geral, para desfilarem ou assistir. Muito disso acontece também porque tais eventos têm grande visibilidade na imprensa: jornais, rádios, televisão, todos falam disso o tempo todo na época do SPFW ou do Fashion Rio. Um pouco a la Hollywood, o mundo da moda promove-se como mundo dos sonhos, estratégia mais do que eficaz quando se trata de construir desejos de consumo. Fazer parte, mesmo que por um breve momento, ou acompanhar a cobertura da mídia, possibilita um prazer imaginativo que se completa no consumo do produto originário daquele mundo de sonhos, ou mesmo de sua cópia nem sempre tão fiel. Por sua vez, além de sua repercussão no público em geral, tais eventos possibilitam a profissionalização do campo. Divulgados aqui no Brasil ou no exterior, a existência deles consolida a imagem do País como produtor de modas.

IHU On-Line - O que a senhora pensa sobre a moda ecologicamente ética? Quais são as perspectivas desse tipo de moda no mercado? Qual é a aceitação do público?

Débora Krischke Leitão - Esse é um dos nichos de mercado que a produção de moda e vestuário brasileira

vem buscando atualmente. Com a ênfase no artesanal e no natural/orgânico, tentamos colar nossa produção a esse setor de consumo. Contemporaneamente o consumo ético/ecológico, assim como social e economicamente engajado, adquire valência positiva no mercado da moda, e vira tendência. O artesanal, o tradicional, o orgânico e o reciclado surgem como tendência moderna. Uma vez que o imaginário que existe no exterior e, sobretudo na França, a respeito de nosso país está ligado a essas representações de tradição, de artesanato, de forte vínculo com a natureza, o filão de mercado do consumo ético funciona muito bem para nós. Algumas empresas especializadas em produtos brasileiros adotam claramente essa postura. Um bom exemplo é a fabricante dos tênis Veja. Ainda que de origem francesa, essa empresa produz no Brasil, e com matéria-prima ecológica: borracha vegetal da Amazônia e algodão “bio”. Praticamente desconhecida aqui no Brasil, essa marca de sapatos esportivos, na Europa, é divulgada como produtora dos “tênis autenticamente brasileiros”. Outro exemplo é a empresa brasileira Tudo Bom, que confecciona roupas feitas com algodão biológico e, na França, divulga seu produto como economicamente justo, dizendo oferecer remuneração adequada as mulheres brasileiras responsáveis por sua produção. Dessa forma, outros produtos brasileiros, ainda que não oficialmente engajados nesse tipo de mercado, acabam sendo divulgados e consumidos pela divulgação indireta que recebem com a moda ética, que muito agrada o consumidor europeu.

Desenvolvimento sustentável: fundamentação teórico-prática

ALTERNATIVAS PARA UMA OUTRA ECONOMIA

O próximo Alternativas para Uma Outra Economia traz o professor da UnB Marcel Bursztyn para falar sobre Desenvolvimento sustentável: fundamentação teórico-prática. O evento acontecerá dia 8 de novembro, às 19h30, na sala 1G119.

Bursztyn é Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, diploma in Planning Studies pela University of Edinburgh, doutorado em Développement Economique et Social - Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e em Economie - Université de Picardie-França (1988). É autor das obras o Semeador de Utopias (Brasília: Universidade de Brasília, 1998), entre outras. Atualmente, é professor adjunto da Universidade de Brasília, no Departamento de Sociologia e no Centro de Desenvolvimento Sustentável.

Confira a entrevista que o professor concedeu por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - É possível haver desenvolvimento com sustentabilidade? A expressão "desenvolvimento sustentável" é coerente?

Marcel Bursztyn - A evolução das trajetórias econômicas que marcaram o mundo desde a Revolução Industrial, que se iniciou na segunda metade do século XVIII, tornou necessária a definição de novos conceitos. A expressão *desenvolvimento*, por exemplo, começa a ser mencionada nos grandes dicionários justamente naquela época. Isso não quer dizer que fosse uma palavra nova. A novidade foi a associação do desenvolvimento a duas características que passaram a ser marcantes a partir dali: a referência a uma territorialidade e o uso como termômetro da dinâmica da economia. Antes, existia desenvolvimento como evolução, avanço, mas não como aumento das atividades econômicas. Por cerca de dois séculos, a expressão desenvolvimento foi usada quase

como sinônimo de crescimento. Depois da II Guerra Mundial, tornou-se necessário distinguir o aumento geral das atividades econômicas (crescimento) da melhoria geral das condições de vida das populações (desenvolvimento). Embora o primeiro seja necessário ao segundo, não é condição suficiente. Em muitos países, notadamente no Brasil, percebia-se que a economia (no sentido de produção em geral) podia crescer, sem que os frutos de tal processo revertessem em benefícios a todos os grupos sociais.

O grande boom de dinamismo das economias, verificado nas três décadas subseqüentes à última guerra mundial, provocou um efeito colateral: o excessivo consumo de matérias-primas e de energia. E tal problema se agravava porque a população mundial crescia em ritmo acelerado. Por isso, alguns autores chamaram a atenção para os riscos de esgotamento de

fontes energéticas (sobretudo petróleo), para a escassez de matérias-primas e para a geração excessiva de resíduos não-degradáveis na natureza. Desse modo, convergiram preocupações de diferentes meios: na academia (com a publicação de estudos que apontavam para tais riscos), nos movimentos sociais (ecologismo) e na política (uma progressiva adoção de políticas e instrumentos de gestão ambiental).

Sustentabilidade

A idéia de sustentabilidade foi resultado de um processo. Já em 1972, quando da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, ficara claro que seria preciso qualificar o “desenvolvimento”, de forma a diferenciar as práticas correntes de degradação ambiental de novos procedimentos, mais condizentes com a percepção da finitude dos recursos naturais. O conceito que se consagrou naquela época foi o de “ecodesenvolvimento”, ou seja, uma compatibilização da dinâmica da economia com os imperativos ecológicos. Quinze anos depois, já no processo de preparação da Conferência Rio-92, surgiu o conceito de “desenvolvimento sustentável”, que na prática é uma evolução daquele anterior. Nos moldes como foi definido, significa buscar o aumento na produção de riquezas, mas sem sacrificar o direito das futuras gerações ao usufruto das mesmas condições ambientais de vida atuais.

A sustentabilidade é possível, mas para isso é necessário uma radical mudança de práticas (do perdulário ao auto-suficiente), de mentalidades (ampliando o conceito de solidariedade para a dimensão temporal, incluindo as futuras gerações), de produção de conhecimentos (menos utilitários e mais coerentes com as condições naturais) e institucionais (criando

mecanismos que coíbam atitudes “insustentáveis” e fomentem ações ambientalmente corretas).

IHU On-Line - Qual a avaliação que o senhor faz do governo brasileiro no manejo e uso do meio ambiente?

Marcel Burszty - Não apenas no Brasil, mas em boa parte no mundo, foram criadas, ao longo dos últimos 30 anos, estruturas de governo voltadas ao controle e proteção ambiental. Nosso país criou um organismo específico para esta finalidade já em 1973: a Sema (Secretaria do Meio Ambiente, do governo federal). Em 1989, surge o IBAMA e em 1991 a questão ambiental é guindada à categoria de ministério. A Constituição Federal de 1988 é bem avançada em matéria de proteção ambiental. Ao longo da década de 1990, foram estabelecidos novos mecanismos, como uma complexa teia de áreas protegidas segundo diferentes critérios (variando do impedimento ao acesso ao uso em moldes sustentáveis), uma legislação específica para coibir crimes ambientais e um avançado sistema de monitoramento ambiental. Tudo isso não impede que o problema ambiental se agrave. O avanço do desmatamento na Amazônia é apenas um lado visível e internacionalmente reconhecido da questão. Sob a ótica humana, entretanto, as maiores mazelas ambientais do Brasil seguem sendo as de sempre: saneamento. Com mais de 80% da população vivendo em cidades, problemas como abastecimento de água potável, coleta e tratamento de esgoto, drenagem de águas pluviais e coleta e tratamento de lixo são um desafio a ser enfrentado.

IHU On-Line - Na sua opinião, por que a questão ambiental não fez parte dos debates políticos? Como o senhor viu esta questão nas eleições entre Lula e Alckmin?

Marcel Bursztyn - Realmente, o tema meio ambiente ficou relegado a um plano quase imperceptível nos debates políticos atuais. Evidencia-se que, se por um lado todos são “ambientalistas de carteirinha” (ninguém ousa declarar-se contra esta causa tão universal), por outro, fica claro que o consenso esconde uma perigosa complacência. É como se todos, ao se declararem a favor da causa, se eximissem de enfrentá-la. Uma constrangedora constatação é que a questão ambiental ainda permanece entendida e tratada como uma “limitação” ao desenvolvimento e não como uma condição básica a que tal processo se dê de forma durável (sustentável).

IHU On-Line - Qual seria o projeto ideal para o uso sustentável dos recursos naturais do Brasil? Quais as fontes de energia que devem ser exploradas e como fazer?

Marcel Bursztyn - O Brasil é rico em fontes energéticas: hídrica, solar, eólica e biomassa, além da fóssil. Podemos desfrutar de uma confortável matriz energética. O ideal seria uma combinação eficiente das diferentes fontes. Isso significa que não devemos mergulhar em fórmulas que no curto prazo podem ser atraentes, mas que implicam impactos no médio e longo prazos. É o caso dos biocombustíveis, que são sem dúvida uma excelente alternativa, mas trazem em si uma armadilha: quanto maior sua produção, maior será a necessidade de abertura de novas áreas de cultivo, ameaçando a integridade de áreas ainda ricas em biodiversidade.

Projeto sustentável

Um projeto sustentável para o Brasil deve combinar nossas potencialidades energéticas e hídricas com nossa formidável riqueza de biodiversidade. Para isso, precisamos investir em ciência e tecnologia e em recursos humanos. No lugar de exportarmos madeira, devemos exportar móveis; no lugar de ervas da Amazônia, devemos exportar fármacos e cosméticos; no lugar de minerais, produtos elaborados, com alto valor agregado. Com isso, gastamos menos nosso “estoque de natureza”, com maior retorno econômico.

IHU On-Line - Qual será o nosso desafio como cidadãos na preservação do meio ambiente? Onde estamos errando?

Marcel Bursztyn - Sob a ótica individual, como cidadãos, é preciso que cada um cumpra sua parte. Não é possível esperar que apenas os outros o façam. Isso implica mudança de conduta. Nesse aspecto, a educação é fundamental. Novas mentalidades só se conseguem com formação correspondente na escola. Até aqui, erramos em vários pontos: na educação (que não foi estendida a todos e que tem sido voltada a uma visão de mundo na qual a natureza é “matéria-prima” a ser apropriada e não um elemento inerente à própria vida; nas técnicas, que se tornaram ameaçadoras e portadoras de riscos; na regulação pública, que sofreu um período de retração (neoliberalismo), ante à crença de que o mercado por si só regula as ações humanas; no nosso afã consumista, que parece insaciável.

Karl Polanyi e a nossa época

QUARTA COM CULTURA UNISINOS - CICLO REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA

O economista Karl Polanyi (1886-1964), que tem como principal obra A grande transformação - as origens da nossa época, 1944, será o tema conduzido pelo Prof. Dr. José Rubens Damas Garlipp, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na próxima edição do Ciclo Repensando os Clássicos da Economia do programa Quarta com Cultura Unisinos. O evento acontece na quarta-feira, dia 8 de novembro, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, em Porto Alegre.

No dia seguinte, 9-10-2006, o professor Garlipp estará na sala 1G119 da Unisinos, das 19h30min às 22h, falando sobre o mesmo autor, na programação do II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia.

Garlipp foi um dos entrevistados da edição número 147 da revista IHU On-Line, de 27-6-2005, que teve como tema de capa a obra de Karl Polanyi A grande transformação - as origens da nossa época.

Filme *Cruzada* para estudar a Idade Média no Cinema

IDADE MÉDIA E CINEMA II

*Os participantes do evento Idade Média e Cinema II terão como tarefa no próximo dia 11 de novembro, a exibição e debate sobre o filme *Cruzada*, de Ridley Scott. Eles serão ajudados pelos debatedores Prof. Dr. José Alberto Baldissera, da Unisinos, e Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira, da UFRGS. O evento acontece das 8h30min às 12h na sala 1G119 do IHU.*

*O filme *Cruzada* já foi debatido na primeira edição do evento Idade Média e Cinema, realizado pelo IHU no ano passado. Sobre ele, publicamos uma entrevista com o diretor, Ridley Scott, e um comentário de Drex Alvarez, na IHU On-Line número 163, de 7 de novembro de 2005.*

IHU Repórter

Célia Severo

O Projeto Tecnosocias não seria o mesmo sem a mais do que secretária Célia Severo. Fã dos músicos gaúchos Nelson Coelho de Castro, Bebeto Alves, Nei Lisboa e Vítor Ramil, Célia tem no Serviço Social a sua paixão. Conheça na entrevista a seguir um pouco mais dessa funcionária da Unisinos.

Origens - Sou de São Leopoldo, do Bairro Scharlau, sempre morei em São Leopoldo. Tenho três irmãos, duas mulheres e um homem.

Pais - Meu pai é de Parobé, e minha mãe, de Montenegro. Meu pai foi padeiro, inicialmente, depois trabalhou na indústria de calçados e mais tarde se aposentou. Minha mãe sempre foi dona-de-casa, muito dedicada à família. Meus pais são pessoas fantásticas, admiro-os muito. Dedico-me agora a cuidar deles, pois já têm 84 anos. Então estou bem envolvida neste período da vida deles.

Infância - Vivi sempre em uma casa na Scharlau, com muitas árvores frutíferas, com hortaliças, que meus pais cultivavam. Fui criada livre, brincando na rua com as crianças da vizinhança, no tempo em que ainda podíamos brincar na calçada, nas noites de verão. Os pais sentavam em cadeiras na calçada para tomar chimarrão e conversar, à noite. Não assistíamos muito à televisão, ficávamos na rua, brincando. Em frente a minha casa, vivia um professor que possuía uma vasta biblioteca, então eu apanhava algum livro, sentava embaixo do poste de luz e lia. Até hoje brincam comigo a respeito disso, pois enquanto todos brincavam, eu ficava lendo.

Estudos - Meu ensino fundamental foi feito na Escola Sagrado Coração de Jesus, colégio de freiras no bairro Scharlau. Na 6ª série fui para a Escola Estadual Olindo Flores, no mesmo bairro. Cursei o ensino médio fiz no Instituto Rio Branco, no centro de São Leopoldo.

Carreira - Trabalhei desde os 13 anos no departamento financeiro de uma fábrica de calçados, onde fiquei quase dois anos. Depois, fui para outra empresa de calçados, onde fiquei 28 anos, até ela fechar. Essa empresa me possibilitou fazer o curso de inglês e a faculdade de Ciências Contábeis, que iniciei na Feevale, mas nunca concluí. Fiquei dez anos sem estudar, trabalhando para comprar meu apartamento, e em 1995, retornei aos estudos, mas para o curso que me interessava realmente, Serviço Social, o qual concluo no final deste ano, depois de 11 anos. Agora me encontro no processo do trabalho de conclusão, intitulado “A intervenção do Serviço Social na Associação dos Diabéticos e Familiares de São Leopoldo e Região do Vale do Sinos: uma investigação sobre os modos de participação.”

Casamento - Sou casada há 20 anos e não tenho filhos.

Horas Livres - Nas minhas horas livres, leio, escuto música, almoço com a família aos domingos; faço passeios ao ar livre, coisas tranquilas assim. Vou ao teatro e ao cinema. Gostava muito dos concertos da Orquestra Unisinos que aconteciam aos domingos.

Esporte - Pratico caminhada e também assisto a jogos de futebol.

Férias - Férias para mim é tranquilidade, tomar chimarrão, e, se possível, ir à praia, sair com os amigos. Gosto mesmo é de relaxar ao ar livre.